



# ALAVOURA

## SUMMARIO:

- A Conferencia Algodoeira de São Paulo
- A Vitivicultura Nacional e o seu valor na Economia do Paiz
- Estação Experimental de Bello Horizonte
- consumo mundial de leite e derivadores
- Grande Problema do Açucar . . . . . Augusto Ramos
- Financiamento da Citricultura
- Os meios chimicos para a conservação das nossas frutas de exportação
- As Semanaes da Sociedade Nacional de Agricultura
- Movimento da Secretaria durante o primeiro trimestre de 1935

Este numero contem 36 paginas

Revista da Sociedade Nacional de Agricultura  
e da Confederação Rural Brasileira  
ANNO XXXIX  
ABRIL-1935

# Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Reconhecida de utilidade publica por lei

Presidente perpetuo

Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida

Presidente honorario

Dr. Geminiano Lyra Castro

## DIRECTORIA GERAL

Presidente — Ildefonso Simões Lopes

1.º Vice-Presidente -- Arthur Torres Filho

2.º Vice-Presidente — Edgard Teixeira Leite

3.º Vice-Presidente — Fabio de Azevedo Sodré

1.º Secretario — Antonio de Arruda Camara

2.º Secretario — Luiz Simões Lopes

3.º Secretario — Altino de Azevedo Sodré

4.º Secr. — Americo de Pinho de Leonardo Pereira

1.º Thesoureiro — Kurt Repsold

2.º Thesoureiro — Domingos de Faria

## DIRECTORIA TECHNICA

Frederico Murfinho Braga

Humberto Rod. de Andrade.

Joaq. B. de Moraes Carvalho

José Maria Fernandes

José Sampaio Fernandes

Luiz de Oliveira Mendes

Manoel Paulino Cavalcanti

Otto Frensel

Otoni Soares de Freitas

Virgínio Werneck Campello

## CONSELHO SUPERIOR

Alcides de Oliveira Franco

Alvaro Simões Lopes

Antonio F. Marganinos Torres

Archimedes de Lima Camara

Arsène Pultemans

Bemvindo Novaes

Carlos de Souza Duarte

Celso Machado

Conde de São Mamede

Eduardo Claudio da Silva

Eurico Santos

Eivaldo Lodi

Euzebio de Queiroz C. Mattoso Camara

Fidelis Reis

Felix Pacheco

Filogenio Peixoto

Franklin de Almeida

Francisco Leite Alves Costa

F. J. Teixeira Leite.

Hilario Leilão

Humberto Bruno

J. C. Bello Lisboa

João Baptista de Castro

João Gonçalves Pereira Lima

João Mauricio de Medeiros

João Simplicio Alves de Carvalho

Julio Cesar Lutterbach

Julio Eduardo da Silva Araujo

José Eduardo Macedo Soares

José Monteiro Ribeiro Junqueira

José Mattoso Sampaio Corrêa

Landulpho Alves de Almeida:

Lauro Passos

M. Paulo Filho

Odilon Braga

Ormeu Junqueira Botelho

Ricardo Machado

Waldomir Barros Magalhães

Wenceslau Braz Pereira Gomes

# A L A V O U R A

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA  
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura. . . . Dr. ARTHUR TORRES FILHO

Director: Dr. ANTONIO DE ARRUDA CAMARA — Gerente: ROBERTO DIAS FERREIRA

Redactor Secretario: L. MARQUES POLIANO

Assignatura annual 20\$000

Numero avulso 2\$000

Numero atrasado 3\$000

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção, á Rua 1.º de Março, 15 - 1.º - Rio de Janeiro

Impressa por Villani & Barbero - Rua Ubaldino do Amaral, 82 - Rio de Janeiro

ANNO XXXIX

RIO DE JANEIRO

ABRIL DE 1935

## A Conferencia Algodoeira de São Paulo

Um notavel empreendimento vem de ser realizado em S. Paulo: a Conferencia Nacional Algodoeira, cujos trabalhos já se encerraram e dos quaes é de esperar os melhores resultados para a expansão da cultura do nosso "ouro branco".

Não poderia deixar "A Lavoura" sem uma referencia especial a iniciativa dos fazendeiros e industriaes paulistas, por isso que a movimentação da cultura algodoeira está intimamente ligada á Sociedade Nacional de Agricultura, atravez a Primeira Conferencia Algodoeira, anexa á qual teve lugar a Exposição de Algodão Nacional, em 1906, e a Conferencia Internacional Algodoeira, de 1922, para não falar nas providencias esparsas, que constantemente preoccuparam a instituição

A primeira se realizou de 1 a 10 de Junho daquelle anno, sob a presidencia do Dr. Miguel Calmon du Pin Almeida, então Vice-Presidente da Sociedade. Dos resultados desse certame dizem muito bem os "Annaes", publicados em tres grossos volumes, contendo ao todo 1.685 paginas. Muitas providencias, então aventadas, foram depois praticadas pelos governos e pelos productores, tendo ahi, a bem dizer, inicio o actual surto algodoeiro do paiz. A segunda, reunindo vinte e uma nações estrangeiras, interessadas quer na cultura quer na industria da preciosa malvacea, além de numerosas instituições, industriaes e agricultores do paiz, tambem se realizou sob a presidencia daquelle grande e illustre brasileiro — cujo recente fallecimento tanto deploramos — de 15 a 20 de Outubro, quando ainda se commemorava no Brasil a nossa emancipação politica.

Estiveram ahi especialmente representados por brilhantes delegações: a Inglaterra, os Estados Unidos, a Suissa, a Hespanha, a França, o Japão, a Allemanha, a China, o Uruguay, o Chile, a Venezuela, a Guatemala, Cuba, o Peru, o Paraguay, a Belgica, a Bolivia, Portugal, a Italia, a India e a Suecia.

Os "Annaes", contidos em dois grossos volumes, com 1.015 paginas, foram logo depois dados á publicidade e impressos em portuguez e inglez.

Foi de grande finalidade pratica tanto um como outro comicio, porque, chamado, logo depois, para a Pasta da Produccção, foi possivel ao Dr. Miguel Calmon applicar numerosas suggestões das duas conferencias, com os melhores resultados para a produccção algodoeira, que augmentou consideravelmente de então para cá.

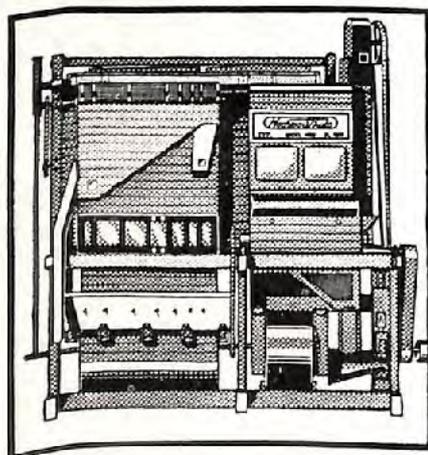
E' de assignalar, outrosim, que se deve á Conferencia Internacional a vinda ao Brasil, de Mr. Arno Pearse, que originou a grande repercussão das possibilidades do paiz em relação á cultura algodoeira, nos centros industriaes da Europa.

E' de todo oportuna a conferencia que vem de se realizar em São Paulo, com a sua funcção perfeitamente estabelecida no actual momento algodoeiro do paiz, porque se aquelles certamens da Sociedade tiveram o merito de fazer resurgir uma cultura que tudo indicava deveriamos fomentar e impulsionar por todos os meios, a esta caberia a coordenação e a revisão de uma serie de providencias que a pratica tornou aconselháveis, após um periodo de experimentação batante longo, no trato com uma riqueza já existente, de um recurso palpavel, de que já dispõe o Brasil.

Parabens, portanto, aos que, patrioticamente, se dispuzeram a tão ardua quão benemerita tarefa.



## EXAMINE UM GRÃO DE CAFÉ



Está empelliculado,  
com seu aspecto  
natural?

Certamente foi  
*descascado sem  
fricção alguma* na

# Machina S. PAULO

UNICOS FABRICANTES

## B. PENTEADO S/A

Escritorio Central - Limeira - E. de S. Paulo - Filial em S. Paulo - R. Floren-  
cio de Abreu, 131-A - Agencia no Rio de Janeiro - R. da Quitanda, 185

Standard

# A Vitivinicultura Nacional e o seu valor na Economia do Paiz

Conferencia pronunciada na Sociedade Nacional de Agricultura pelo Dr. Manoel Mendes da Fonseca

Quiz o illustre Primeiro Vice-Presidente, em exercicio, da benemerita Sociedade Nacional de Agricultura, Dr. Arthur Torres Filho, honrar-me com elevada distincção, convidando-me para realizar uma conferencia na sua sede.

Deante dos termos gentis do convite me não foi possível formular nenhuma recusa. Tive de capitular e aqui me tendes, não para proferir uma conferencia, que para tanto falta-me competencia, mas para conversar alguns momentos com esta douta assistencia.

Antes, porém, de iniciar a minha palestra, desejo externar os meus sinceros agradecimentos, tanto à Sociedade Nacional de Agricultura que, assignalados e relevantes serviços, com todo o devotamento, está prestando à causa publica, como ao seu eminente Primeiro Vice-Presidente, em exercicio, que, por bondade extrema, houve por bem lembrar o meu nome obscuro para dizer algumas palavras sobre viticultura e enologia, quando em outros technicos devia recahir a escolha para discorrer acerca deste importante problema agricola.

Em accetando tão delicada quão difficil missão, não foi outro o intento sião trazer a minha obscura e modesta contribuição a um assumpto de magna importancia e dos mais complexos que temos a ampliar nos quadros da nossa economia, afim de desenvolvê-lo ainda mais, pois que elle não escapou e nem poderia escapar ao plano traçado pela egregia entidade, por isso que faz parte integrante do seu vasto programma de acção, no sentido de se lhe dar maior expansão, attendendo à sua immensa possibilidade na mais estreita colaboração com os poderes publicos e interessados.

E' tanto mais honroso para mim, encontrar-me nesta tribuna, quanto é certo que esta Sociedade foi a pioneira do movimento em prol da viticultura nacional, tendo realizado, sob os auspicios da municipalidade e no proprio edificio da Prefeitura, ha quarenta annos, isto é, em 1898, a primeira Exposição de Uvas Nacionais.

Eram, na epocha, animadores dessa arrojada iniciativa, os illustres brasileiros Drs. Moura Brasil, Campos da Paz e Luiz Pereira Barreto. De Lopes que, quando Ministro da Agricultura lembrar o Dr. Ildelfonso Simões cultura, creou a Estação Experimental de Caxias, e tambem, o Sr. Luiz Peruccini, o mais atrevido viticultor do Rio Grande do Sul, que fez a primeira exportação de vinho daquelle Estado, transportado no dorso de muars lta cerca de 50 annos.

A VITIVINICULTURA NACIONAL E O SEU VALOR NA ECONOMIA DO PAIZ é o thema por mim escolhido para prender-vos a attenção, esperando que a vossa benevolencia me sirva de estímulo para vencer esta tarefa.

Nenhum brasileiro deve ignorar que a viti-vinicultura constitue, na epocha que atravessamos, uma das riquezas apreciáveis do Brasil Meridional e em marcha franca para ser a maior fonte de vida dessa mesma região, no dia em que tivermos uma maior comprehensão do seu verdadeiro valor como força economica de alta capacidade productora e soubermos applicar nessa exploração industrial a sciencia agronomica e mais os methodos e processos especializados já consagrados e classicos na technica viti-vinicola e ainda não totalmente empregados pelos nossos viti-viticultores.

Na qualidade de tecnico posso assegurar, sem recio de menor contestação, que possuímos a maior area geographica do mundo, capaz de dilatar, numa extensão inestimavel, o seu bello tapete de verdura, urdido com a preciso ampeidea, a mais estimada e diffundida das plantas pelos seus saborosos fructos.

Condições de clima e solo não lhe faltam. São dois mais favoraveis, enquadrando-se entre os do paizes milenarios em sua cultura e industria, os quaes sempre julgaram impossivel transformar-se o nosso grande productor. Essa illusão, porém, aos poucos foi-se pela fragilidade dos argumentos, não mais perdurando sião na opinião de espiritos pessimistas, retrogrados ou interessados a não se conformar com a nossa real situação de paiz privilegiado que vae caminhando, a passos firmes, para nivelar-se, em breve, com os demais, graças às magnificas condições mesologicas de que somos possuidores e ao trabalho abuegado e patriotico de uma parte da laboriosa classe rural, occupada nesse ramo, propulsora do progresso dos povos e que foi factor preponderante e decisivo da implantação dessa immensa riqueza que se desdobra no paiz. A essa classe devemos dar todo o nosso apoio e gratidão pela grandiosa obra que, na sua vida obscura, está construindo, anonymamente, quasi sempre à custa de enormes sacrificios.

Contrariando, de começo, todas essas opiniões divergentes, conseguiu, apesar de todos esses precalços, firmar-se, definitivamente, e na sua exploração surgiram productos magnificos como aquelles cachos de uvas remetidos de São Paulo, pelo saudoso Dr. Luiz Pereira Barreto, para

a França, como demonstração evidente do nosso meio e que surpreendeu e alarmou o Velho Continente, em seus meios vitícolas, quer pela rara belleza de seus fructos, quer pelo fino e delicado sabor, prevalecendo, com toda a nitidez, o perfume subtil, delicioso e agradável dos obtidos nas fontes originaes.

Deante da realidade dos factos não é mais licito duvidar da importancia futura que representará a viticultura nacional.

A batalha foi ganha. Assim occorrendo, o nosso producto começou a penetrar francamente no mercado, inquietando similares de outras origens, para logo consagrar-se entre os consumidores, certos de sua excellente qualidade, apesar de um certo despeito e de uma guerra movida contra elle. Ninguém lhe poderá tomar a collocação que já obteve pelo seu valor de producto puro, muitas vezes, superior aos de outras origens

que não os nacionaes. Afastando mui naturalmente do mercado esses similares, prestou um beneficio á economia do paiz.

A nossa produção, como sabermos dentro em pouco, ainda está longe de corresponder ás necessidades do nosso paiz, visto que ainda é insufficiente para o consumo interno.

Mas, além do clima frio, partindo do Rio Grande do Sul, em porte provocado pela altitude, atravessando Santa Catharina, Paraná, São Paulo, Minas Geraes, parte do sul de Matto Grosso, parte do planalto de Goyaz, Espirito Santo, Estado do Rio, etc., temos ainda a registrar o clima nordestino, invejavel para a cultura da videira destinada á produção de uvas de mesa, devido ás seccas periodicas, regulares, que se processam naquellas plagas agrestes, possuindo, no entanto, grandes extensões de terras accessiveis á irrigação. Sendo uma

planta de clima temperado deverá causar especie lembrar o seu cultivo em regiões sub-tropicaes. A razão é muito simples.

O periodo prolongado de estiagem força a planta a entrar em vida latente pela falta de humidade no sólo, e assim permanecerá em repouso por tempo cuja acção o homem poderá regularizar ou determinar. Isto posto, não é difficil, mediante uma irrigação copiosa, transformar vegetaes aparentemente mortos em luxuriante vegetação.

Na cultura racional da videira, para a botenção de productos de qualidade, varios são os factores influentes que deveremos tomar em consideração. Sem o estudo desses factores o insuccesso poderá ser fatal ou, pelo menos, reduzir as probabildades, não correspondendo ás vantagens economicas dahi esperadas. Tres, porém, exercem maior preponderancia: CLIMA do qual já fo-



Preparo do solo para a formação de um vinhedo definitivo

ram feitas algumas referencias; SOLO E VARIEDADES de castas a cultivar e o seu correspondente destino: se para a produção de vinhos, uvas de mesa ou passas.

O mais importante de todos é, indiscutivelmente, o clima. E nelle o factor basico ou primaricial é a temperatura, actuando nos dois extremos — maxima e minima.

A temperatura alta tem por fim precipuo assegurar a vegetação normal da planta, a sua influencia, a turgescencia e a maturação dos cachos e sarmentos.

Durante o inverno a planta reclama repouso completo ainda em consequencia da temperatura, agindo com effeito negativo, isto é, numa baixa escala thermometrica, a minima, actuando de modo a não provocar a morte do vegetal.

Este phenomeno manifesta-se pela queda natural das folhas, emigração de reservas amylaceas para o lenho aereo, paralysação da vida cellular, obturação dos conductos por meio de operculos, enfim, soffre, nessa phase, um metabolismo completo.

Neste estado deve permanecer pelo menos 90 dias, sendo uma necessidade indispensavel ao seu organismo, afim de, na epocha propria, poder offerecer productos finos e uniformes na maturação de seus fructos com elevado theór de assucar. Ao passo que estas mesmas plantas cultivadas em regiões onde o clima lhe faculta a manutenção de vegetação vivaz, o fructo obtido é de pessima qualidade, pelo motivo muito simples de conservar nos pés fructos maduros, verdes de diversos tamanhos e idades, inflorescencias, crescimento continuo de ramos, etc. Nestas condições costuma-se dizer que o meio é improprio á cultura da videira.

Desaconselha-se, então, o estabelecimento de vinhedos nessas zonas.

A exposição, orientação, altitude, latitude, chuvas, ventos, proximidades de lagos, rios, florestas, etc., exercem, tambem, remarcada influencia sobre a cultura da videira. Estes sub-factores chegam até a modificar o clima de certas localidades.

E dahi a razão de surgirem certos

vinhos especiaes, com propriedades organolepticas inegalaveis, jamais imitaveis fora dessas condições intrinsecas.

Pela rapida exposição que acabo de fazer parece-me facil tirarem-se logo conclusões seguras do valor attribuido ao clima e, especialmente, aos climas locais, modificados por quaesquer circumstancias atmosphericas, tendo como resultante essas vantagens especificas, cujo valor nunca deverá ser despresado na formação de um vinhedo para exploração industrial em grande escala, ou na sua extensão em grandes areas.

E' ali que apparece o valor do tecnico, com os seus sabios conselhos, para que se não organizem emprezas antes de observações positivas, certas e garantidas nas suas finalidades e vantagens economicas.

Passemos a falar do solo.

Antigamente a videira podia ser cultivada em todos os solos. Nessa epocha, um tanto remota, somente a especie vinifera e suas variedades eram objecto de rendosa exploração agricola. Esta especie se adaptava em terrenos de todas as formações geologicas. Apenas não supportava os demasiadamente humidos, compactos e acidos, não se tornando um obstaculo irremediavel, visto os nossos conhecimentos agrológicos nos permitirem a correção desses solos.

Mas, de um momento para outro surgiu o maior flagello que até hoje atacou a videira — a PHYLOXERA — dizimando, na sua fama destruidora, milhões de hectares cultivados que se encontravam na sua pujante productividade. Com o advento desse terrivel inimigo, a viticultura mundial tomou nova orientação no seu systema de cultura. Até essa epocha de triste memoria, a vinha era cultivada de pé franco e se multiplicava somente por segmentação e mergulha. Ninguém pensava na pratica, hoje tão vulgar da enxertia.

Era mesmo desconhecida do mundo viticola. Tornav-se facilima a cultura da parreira. A excepção da *peronospora* e *oidium*, nenhuma outra molestia grave atacava os vinhedos. Para estas havia tratamentos curati-

vos e preventivos fazendo com que os males estacionassem ou desapparecessem. Com a *phyloxera* o caso foi diametralmente opposto. Provo- cou um panico tremendo pelos enormes prejuizos occasionados sem que, de começo, fosse descoberto um meio efficaz de combate ou mesmo palliativo razoavel para garantir uma produção satisfatoria nos vinhedos infestados.

Diversas actividades scientificas puzeram-se em campo, fazendo pesquisas e investigações, afim de descobrir um meio de erradicar mal tão grave.

Inicialmente não foi possivel essa descoberta que ficou memoravel nos annaes da sciencia agricola.

Das pesquisas e investigações surgiram inumeras conclusões e meios de combate aconselhados, sendo uns efficazes e outros apenas ephemeros e anti-economicos. Entre muitos citei os seguintes: submersão dos vinhedos de facil inundação, tratamento pelo sulphureto de carbono, cultura da parreira em terrenos arenosos, com 60% de silica, etc.

Mas de todos o mais valioso e efficiente foi, sem duvida nenhuma, a enxertia em porta-garfos de certas especies americanas do norte ou hybridos binarios ou complexos. Na serie de observações feitas ficou provado que o aphidio vivia na intimidade das raizes dessas plantas, donde tambem é originario, sem causar nenhum ou quasi nenhum damno ás mesmas por um mechanismo que não vem ao caso justificar visto a sua comprovação ser positiva. Data dessa epocha, pela importancia descoberta, a reconstituição dos vinhedos mundiaes, todos enxertados em porta-garfos, que na escala de resistencia de zero a vinte, deva possuir, no minimo, 16/20, o mesmo acontecendo com os chamados productores directos, isto é, plantas como o seu nome indica, de relativa resistencia á *phyloxera*, dispensando a enxertia. Estes são tambem hybridos, communmente formados pela interferencia da vinifera e americanas diversas aproveitando-se a qualidade especifica de cada um dos genitores.

Nesses paizes, onde a devastação foi total, nenhuma videira existe hoje, salvo nos casos já citados de submersão e cultura nos terrenos arenosos, que não seja enxertada.

Mas, que fez o Brasil com a viticultura? Adoptou os mesmos processos, seguidos pela lição dos outros paizes vitícolas?

Infelizmente, tal não aconteceu. Faltou-lhe providencia. A nossa viticultura evoluiu naturalmente pelas magnificas condições encontradas em nosso meio, formando-se grandes e extensos vinhedos espalhados por toda a parte, onde encontrou *habitat* favoravel, sem que fossem observados methodos culturaes e praticas vitícolas imprescindíveis ao estabelecimento de plantações que ficassem protegidas contra assaltos e injurias desse inimigo capaz de, em curto espaço de tempo, sacrificar e destruir o trabalho e o esforço de muitos annos de incessante labuta. Para o

Brasil esse momento está chegando e é de lamentar que não tivéssemos tomado em consideração o exemplo europeu de ha 80 annos passados e tenhamos, agora, de pagar tambem o nosso pesado tributo, perdendo os vinhedos antigos que foram a base da nossa viticultura, visto que os de formação recente em muitos centros vitícolas já se encontram enxertados.

No Rio Grande do Sul, maior zona vitícola do Brasil, figurando com mais de 90% na produção nacional, o prejuizo causado na ultima safra foi de nove mil contos de réis, pela diminuição de 15 milhões de litros, em relação ao anno anterior, apesar do augmento da area cultivada. Esse prejuizo foi todo em consequencia da invasão *phylloxera*. São dados verídicos, colhidos nos centros de produção, por technicos que se acham em contacto diario com os vitivincultores e tambem por mim que

tive oportunidade de verificar por varias vezes.

Os demais Estados encontram-se nas mesmas condições, não sendo possível, até o momento, avaliar-se a extensão do mal por falta de dados estatísticos exactos. Pelo exposto torna-se indubitavel que todos os vinhedos nacionaes estão infestados pelo perigoso mal, reclamando um combate em tempo, antes que vejamos completamente perdido o esforço de uma numerosa classe rural, occupada no desdobramento desta riqueza nacional.

Meus senhores, era esta a divagação que precisava fazer, desviando-me arbitrariamente do assumpto que estava tratando, antes de dizer alguma coisa sobre o sólo.

As especies americanas ou hybridos americano-americanos ou franco-americanos, que deverão servir de raizes para as fructíferas, são muito exigentes com relação ao sólo. Ha



Preparo do solo e traçado de uma plantação

especies ou híbridos que não supportam em absoluto terrenos calcareos, pela manifestação da chlorose, molestia de origem physiologica que não devemos tener, visto a pobreza das nossas terras em calcio. Outras não resistem terrenos seccos ou demasiadamente humidos. Outras ainda reclamam solos profundos, ferteis, e muitas outras exigem terrenos com uma leve camada superficial de sólo, ficando o desenvolvimento radicular quasi afflorando á superficie da terra. E assim, numa diversidade que poderemos levar quasi ao infinito, precisamos, judiciosamente, determinar, para cada sólo, segundo a sua contextura, o porta-garfo, tendo em vista tambem a casta escolhida que vae representar a parte aerea, para que não dê resultado negativo pela falta de affinidade entre ambos, cavallo e cavalleiro.

Concluimos logo que cabe ao tecnico essa delicada missão de indicar o porta-garfo capaz de satisfazer uma determinada exigencia em relação ao sólo e á variedade fructifera. Essa finalidade só atingiremos pela experimentação, cujo estudo tem sido objecto de grandes investigações na Europa e, quasi nenhum, por assim dizer, em nosso meio, o que equivale a affirmar que estamos nos valendo da experiencia européa, sem saber se aquelles porta-garfos, tão recommendados para o Velho Continente, darão o mesmo resultado entre nós.

É um dos problemas capitais para a viticultura nacional o estudo acurado dos porta-enxertos. Estudal-os em relação ao sólo ou aos differentes sólos que possuímos, observando tambem quanto á sua affinidade com a casta que quizermos multiplicar, para a produção de fructos, tendo em vista a qualidade do producto a obter, se para quantidade, isto é, producto de consumo corrente, fino, ou ainda uvas para mesa de consumo immediato ou de longa conservação e tambem para passas e succos naturaes.

Podemos dizer mesmo, que pouco temos produzido nestes estudos e se alguma coisa realisamos devemos mais á iniciativas particulares, de viveristas entusiastas. As estações ex-

perimentaes é que vão dar a ultima palavra a respeito deste momentoso assumpto.

Como vimos, a questão do sólo é função antes da determinação do porta-garfo, deixando aquelle para um plano inferior, na certeza que nos terrenos onde a videira se apresenta com boa vegetação, a constituição do sólo recommenda-se e influe muito sobre a qualidade da uva e do vinho.

Relativamente á variedade de casta a escolher para uma determinada zona é função mais do clima e não adquire valor economico quando não for cultivada no meio que lhe convem. Chamo aqui a attenção dos viticultores que não deverão fazer importação de vides estrangeiras sinão com muita prudencia aceitando, antes, o conselho de repartições publicas habilitadas a prestar quaesquer esclarecimentos sobre o ramo.

Do exposto, podemos concluir que uma casta é excellente para uma determinada região, podendo transformar-se, em uma outra, numa planta mediocre e sem o menor valor. A variedade de casta não intervem isoladamente na produção de uvas e vinhos finos de alta qualidade; intervem, porém, o clima e em menor gráu o sólo.

Há grandes vinhos obtidos de uma unica variedade de parreira; outros dependem da associação de castas onde encontramos a predominancia de uma ou de outra, em quantidade. Quando existem associações de variedades, essas deverão ser da mesma epocha de maturação para que seja feita, no momento da vinificação, a mistura exacta, correspondente á cada uva.

Conforme o clima faremos a escolha de casta preferencial ou de diversas. Uma parreira está situada num clima que lhe é proprio, quando o vinho obtido contém uma certa quantidade de alcool conveniente para a sua conservação e uma acidez total sufficiente.

Em um clima muito frio é preciso escolher variedades precoces que possam completar a sua vida activa em um periodo curto de tempo. Nos climas quentes o vinho será riquissi-

mo de alcool e pobre de acidez total. O inverso dar-se-á quando num clima muito frio for cultivada uma variedade tardia; haverá pobreza de assucar e excesso de acidez.

Para determinar si uma vide é precoce ou tardia, ha uma classificação que reúne as parreiras em cinco grupos, segundo Pulliat: precoces, de primeira epocha, segunda, terceira, quarta e quinta. As classificações por grupos entram em vegetação em epochas differentes.

Para as precoces o cyclo biologico, desde a brotação até a maturação completa dos cachos, regula mais ou menos de 155 á 175 dias; para as outras de 180 a mais ou menos 200 dias.

A maior somma de calor deve ser fornecida no fim da inflorescencia, indo aumentando gradativamente até a maturação dos cachos e sarmentos. Enfim, uma casta recommenda-se para uma determinada zona quando ella completa seu cyclo offerecendo productos da mais alta qualidade. Um exemplo typico devo citar para mais esclarecer este assumpto. Trata-se da nossa tão condemnada izabel ou izabella, como muitos querem, o nome é indifferente. É uma especie para Labrusca, tendo formado desde o seu inicio o pedestal da riqueza viti-vinicola do Brasil. No Rio Grande do Sul, sul de Minas Geraes, Paraná e Santa Catharina, produz vinho de consumo corrente em quantidade e por influencia de climas locais, vinhos bastante finos, capazes de rivalisar com qualquer outro proveniente de viniferas. Isto é a pura verdade. Perde, em pouco tempo, seu perfume natural e adquire um bouquet identico a muitos vinhos finos estrangeiros.

Tive oportunidade de observar varias vezes este phenomeno. É uma parreira que não deve ser abandonada para a produção de vinhos de consumo corrente e mesmo para, em culturas especiaes, produzir vinhos. Phenomena inverso se dá em São Paulo. O Izabel ahí não encontrou ambiente apropriado para offerecer os mesmos productos que nos outros Estados e é atacada, condem-

nada por todos como uma planta imprestavel e inutil, estendendo-se esta condemnação por todo o paiz. E' um erro de visão technica daquelle grande e progressista Estado. Estou de pleno accordo que ella ahi não offerece vantagens economicas, dando productos de má qualidade, maturação incompleta e muitos outros defeitos inherentes mas com isto não quer dizer que o caso seja o mesmo para todo o paiz. Dahi essa ogeriza.

A vitis labrusca tem ainda a grande particularidade de todos os seus brotos nascidos em lenhos de mais de dois annos serem fructiferos, vantagem de real valor para zonas sujeitas a geadas primaveris que podem destruir a primeira brotação e comprometter toda a colheita, como repetidas vezes ha succedido com as viniferas, a não ser duas ou tres va-

riedades que possuem esta propriedade.

Morta a primeira brotação a segunda não deixa de produzir fructos sufficientes para uma boa colheita. E' um propriedade que precisamos ter na mais alta conta, mormente para creação de hybridos, além da sua cultura directa.

Quanto ao vinho com perfume de raposa, paladar avulpinado, não é motivo para uma condemnação formal porque considero que já estamos habituados com esse sabor, julgado por muitos intoleravel. O autor destas palavras é um dos que pode affirmar. Quando do seu regresso da Europa não supportava esse gosto. Hoje está perfectamente habituado, tolerando mais este vinho do que os europeus. E' uma questão de habito. Parece-me que já estamos acostumados com esse paladar, de tanta preferencia dos ame-

ricanos do norte, que não seria justo mudarmos completamente uma planta que tem trazido reaes vantagens economicas para diversos Estados.

Partidario fraco, como sou das castas finas, julgo que devemos cultival-as largamente onde encontrar ambiente propicio.

No Brasil adaptam-se quasi todas as mais finas e delicadas uvas de todas as partes do mundo, quer para vinho, quer para mesa e passas. Precisamosn, por meio da experimentação, determinar as zonas mais apropriadas para cada uma, e ahi, multiplica-las eb grande escala.

Esse o problema viticola de maior importancia. Provado como está que o nosso clima é privilegiado, nada mais nos assiste sinão metter mãos á obra e procurarmos desenvolver a viticultura de modo a satisfazer as exigencias do nosso consumo, cuja produção come é de todos sabidu-



Uma bella demonstração da produção da uva nacional

longe está de satisfazer a trigesima parte. Os dados estatísticos das nossas importações ahí estão para garantir a minha assertiva. Tendo o nosso paiz condições magnificas para a cultura intensiva de uvas, não se justifica que na epocha de nossa plena producção, façamos uma importação de uvas de mesa que orça por varios milhões de kilos o vapor varios milhões de kilos, subindo o valor da ecquisição a alguns milhares de contos de réis. E comtudo isso cada brasileiro apenas consome por anno 390 grammas de uvas.

Chega até ser irrisoria esta cifra. Explica-se: a uva de mesa é uma fructa de luxo, não está ao alcance de todas as bolsas; pois o seu custo oscilla de 4\$000 a 8\$000 o kilo. Apesar de ser uma fructa alimenticia de alto valor nutritivo, possui também valor medicamentoso, aconselhada pelos medicos para o tratamento de diversas molestias. Existem, na Europa, estações de cura pela uva, obedecendo um rigoroso regimen. E o Brasil com essa extensão immensa de seu territorio, capaz de produzir muitas centenas de milhares de toneladas, importa essa preciosa fructa.

Não cuidamos effectivamente da cultura da uva de mesa é uma das nossas grandes lacunas no terreno agricola, que vem affectar mais directamente o economico. Para affirmar ahí está o ouro que suhe na aquisição de um alimento de que devíamos ser um dos maiores produtores do mundo. Não estou tão pouco infenso á entrada de uvas do exterior, mas em epocha que não coincida com a nossa producção, como sóe acontecer com a que importamos da Europa. Seria até motivo de permutas commerciaes sem exigencias de forçar as trocas. Na Europa a maturação da uva vaee de Julho a Setembro, no Brasil de Dezembro a Março.

Outro producto de largo consumo e que importamos na sua totalidade é a passa de uva, precioso alimento e de largo emprego nas confeitarias. No entretanto a sua preparação é das mais facéis e banaes, sem requerer grande somma de conhecimentos. E um terceiro que devemos, por ul-

timo assignalar, é conhecido e saboroso succo de uvas, que representa a conservação da uva liquida, mantendo nesse estado as mesmas propriedades da fructa, inclusive as vitaminas.

Essas poucas e desalinhavadas palavras parece-me esboçam um grande problema, não só de character agricola, mas, precipuamente economico, que poderá ainda vir a pesar na nos-

mudas, prestando os maiores serviços ao paiz e á sua economia, aumentando, desta forma, a riqueza particular, contribuinte da nossa maior grandeza. Na cidade de Caldas, sul de Minas Geraes, ergue-se na occasião um desses monumentos do trabalho que pela sua importancia technica será o principal estabelecimento do genero na America do Sul. Outros virão em condições identicas



Cobertura de enxertos de uva de mesa "Sol Dourado".

sa balança financeira, uma vez solucionado technicamente, amparado pelos poderes publicos, numa assistencia continuada aos viticultores.

Na epocha que atravessamos todos os paizes procuram se bastar, só estabelecendo trocas no que não é possível produzir.

Com relação ao problema que estou abordando, emquanto outros paizes lutam com tremenda superproducção, o Brasil está em condições de produzir trinta ou quarenta vezes mais do que a actual e encontrará facilmente collocação interna porque o nosso mercado é vasto e a producção nada representa relativamente ao que podemos e devíamos consumir.

Apraz-me registrar com a maior satisfação as medidas que o Ministerio da Agricultura, por intermedio do Serviço de Fructicultura, vem tomando em beneficio deste ramo agricola-industrial, no sentido de incrementa-lo e incentiva-lo muito mais. Breve veremos em pleno funcionamento diversas estações experimentaes de viticultura, estações de enologia e campos de propagação de

e num praso não muito distante o Brasil occupará o mesmo nivel dos demais paizes viticolas do mundo, acompanhando, *pari passu*, o ritmo do progresso já conquistado por outros.

Passemos agora a falar de outro assumpto de relevancia que, pela sua magnitude, representa o alicerce da viticultura nacional pelo vulto do seu negocio, a extensão da sua producção, distribuição e consumo em todo o paiz. Refiro-me ao vinho nacional.

É elle que tem contribuido para a formação de centros importantes de actividade e de fonte vital. Fez a riqueza de diversos municipios dos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Geraes e outros.

De todos, porém, o mais importante como centro viticola é o Rio Grande do Sul detentor de mais de 90% da producção total do paiz. A producção de vinho nacional tem augmentado nestes ultimos annos numa verdadeira progressão geometrica. Os dados estatísticos melhor nos elucidam: em 1924 a producção de vinhos attingiu a 69.766.717 litros, numva lor global de 37.183:000\$000: em 1933, isto é, dez annos depois,

subiu a 188.000.000 de litros, no valor de 150.000.000\$000. Estes algarismos frios, alinhados nestes dados, dispensam maiores commentarios. Afirmam "tout simplement", que o Brasil já é um paiz vinicola, contrariando algumas opiniões que não cansam de assegurar que ainda não possuímos essa industria.

O facto é que o nosso vinho, inicialmente, soffreu uma guerra tre-

restaduaes remetterem a totalidade do vinho em barris.

Não era difficil o desdobramento dos mesmos em varios outros. E assim se mantinha essa campanha ingrata contra o nosso producto.

Nesta ultima década muitos exportadores tomaram a resolução de engarrafa-lo nos centros de producção. Foi a medida mais acertada que até hoje se fez a favor do vinho nacio-

cnica mais perfeita do methodo da Cahmpagne. Taes são esses saborosos vinhos que representam uma gloria e uma conquista louvavel da industria nacional. Possuímos estabelecimentos vinicolas superiores aos de outras partes aqui tão decantados. Ora si não tivéssemos condições tão favoraveis não seria possível, em nenhuma hypothese, o desenvolvimento dessa industria, que ainda não attingiu seu apogeu, mas se encontra em plena florescencia, devendo todo esse surto quasi que exclusivamente a iniciativas particulares.

Vindo ao encontro dos viti-vinicultores o Ministerio da Agricultura mandou elaborar, por meio de suas repartições technicas, um *ante-projecto de regulamentação da producção, circulação e distribuição do vinho no Brasil*, cujo trabalho foi publicado por varios mezes no "Diario Official" do Governo Federal, afim de receber suggestões.

Esse importante trabalho se não attende definitivamente a industria do vinho, satisfaz pelo menos pontos substanciaes da enologia, prevendo a assistencia technica, a garantia da pureza pelo controle qualitativo e quantitativo, tão indispensavel, não só da producção, mas de sua circulação e distribuição, de modo a convencer o consumidor que um producto sahido do Rio Grande ou outro Estado, ao chegar no Pará ou alhures, deverá ser o mesmo, apenas sujeito às modificações biologicas por tratar-se de um organismo vivo, soffrendo uma serie de transformações successivas, sem contudo alterar-se em seus constitutivos mais intimos, quando bem equilibrado, a não ser em pequenissimas differenciações biochimicas.

Pela sua leitura propõe o projecto a uniformisação das analyses e julgamento dos vinhos. Das interpretações de methodos ou processos differentes ou mesmo nas tolerancias dos calculos analyticos com valores desiguaes, surgem duvidas e muitas condemnações injustas. Dahi a necessidade inadiavel da obrigatoriedade de methodos chimicos uniformes e au-



Plantação de enxertos de uva de mesa "Sol Dourado", em estufas

menda para conquistar o seu proprio mercado. Encontravam-se em jogo interesses diversos, de natureza complexa, que não vem ao caso citar, pois é do conhecimento de todos os presentes, que luctando para impedir o augmento de seu consumo, não se pejeram de falsifica-lo e malsina-lo numa campanha ingloria e malsã.

O campo era vasto demais para essas manipulações criminosas e os poderes publicos dispunham de poucos recursos, como até agora ainda não são completos para a defesa do nosso vinho.

Havia uma causa bem justificada para a facilidade dessas adulterações. O nosso vinho, preparado com todo o cuidado tecnico nos centros vinicolas, sahia puro porque os proprios governos estaduaes se esforçavam para garantir a sua pureza. Alcançados os centros de consumo surgiam os alchimistas para o seu desdobramento, para o seu aniquilamento completo e depreciação commercial.

Era vendido então um liquido qualquer com a denominação de vinho nacional. Tudo isto se deu pelo facto dos nossos exportadores inte-

nal. Concorrendo ao mercado nessas condições, obteve accitação franca e, então, o consumidor teve occasião de fazer sua apreciação referente á excellentes qualidades do genuino vinho nacional. Firmou o seu paladar e tornou-se mais exigente quanto ao valor das propriedades gustativas. E' que, habituando-se ao vinho engarrafado puro de origem, adquiriu conhecimentos capazes de differenciar um adulterado. Nasceu um maior criterio nos engarrafamentos feitos em centros consumidores. O vinho nacional foi adquirindo confiança e ninguém mais nega as qualidades de um excellent producto nacional.

Esta hoje o paiz produzindo vinhos de todas as classes e typos: seccos, tintos, rosados e brancos deliciosos, de licor, licorosos, tão perfectos quanto os melhores europeus, alguns eu os julgo até superiores: moscateis, malvasias, barbera e tantos outros que por si sós se recomendam, pela marca já consagrada entre os apreciadores do bom "pinard". Por ultimo cabe-me relembrar os magnificos espumantes naturaes fabricados com a applicação te-

systema unico de julgamento, baseado nas propriedades organolepticas. Temos incidido, muitas vezes, em erros graves no systema de julgamento dos nossos vinhos, adoptando, quasi sempre, processos chimicos, quando estes são secundarios e o unico exacto é a degustação. Muitas vezes um vinho sob o ponto de vista chimico é perfeito, seus constitutivos mais intimos encontram-se equilibrados, ao passo que nella degustação é um liquido intragavel'.

Sómente o paladar é que nos diz da qualidade e do valor do producto. A chimica intervein para acompanhar apenas o seu equilibrio.

Todo o enologo é um chimico, mas nem todo o chimico é enologo. Dahi o desencontro de opiniões e divergencia de ideias que para o futuro deverão ser sanadas.

Cumpre-me salientar a importancia da questão por ser uma das medidas governamentais portidas do Ministerio da Agricultura de imprescindivel e inadiavel necessidade como orgão tecnico para o maior desenvolvimento desta futura industria nacional, amparando-a desde a produção até a distribuição.

Amparada tecnicamente a produção vinicola, a suac irculação e distribuição; fomentada e incrementada a produção viticola, teremos como consequencia o augmento crescente das rendas federase, tiradas dessa industria. Sinão vejamos:

Actualmenteo vinho contribue de impostos para a Fazenda Nacional mais ou menos com dezesseis mil contos de réis, cabendo a cada bra-

seiro de consumo de vinho por anno 4,6 litros de vinho.

Augmentando a produção de dez vezes sobre a actual a arrecadação fazendaria passará a cento e sessenta mil contos de réis e o consumo per capita e por anno attingirá apenas a 46 litros, ou 3,8 litros por mez.

Com a sua publicação para receber suggestões, o jornal official do Governo do Rio Grande do Sul, assim se referiu: "Teremos dessa forma, não muito distante, uma assistencia tecnica para a viti-vinicultura completa emodelar, que virá sem duvida, resaltar a actividade do Governo da Republica, no sentido de engrandecer cada vez mais a industria nacional por medidas e actos de grande projecção administrativa, como a presente que tanto dignifica um governo quando o eleva na administração publica.

Finalizando esta modesta palestra, meus senhores, entrego-a à consideração desta insigne entidade e lembraria a sua interferencia junto aos poderes competentes para que fosse creados cursos especializados de viticultura e enologia nas nossas escolas agronomicas, porque só assim teriamos coroada de exito a obra que tão modestamente iniciamos.

A ideia está lançada.

## A Situação do Leite no Brasil

Do Sr. Otto Frensel, Director Technico da Sociedade Nacional de Agricultura, recebemos a seguinte carta, que com prazer publicamos:

Com referencia ao meu trabalho sob o titulo acima, lido nessa Casa e publicado por especial deferencia de VV. SS. na revista "A LAVOURA", cumpre-me pedir a VV. SS. a publicação de mais as seguintes linhas. Empenho-me vivamente em ver publicadas estas poucas linhas, como homenagem á verdade e á sinceridade que sempre deve guiar a todos que desejam ver realizar-se o progresso do Brasil.

Quando me referi naquelle trabalho "ao leite condensado em suas diversas formas; o leite em pó, gordo ou magro, infantil ou industrial" esqueci-me, lamentavelmente, da existencia entre nós das importantes industrias "NESTLE" em Araras, cuja capacidade e qualidade de productos são sobejamente conhecidas de todos, não precisando, pois, que se faça aqui referencia especial a esta circumstancia comprovada. Devemos, pois, sentir-nos satisfeitos com a existencia entre nós de, ao menos, este progresso da industria de laticinios. Existem tambem mais algumas outras fabricas de leite condensado e productos alimenticios á base de leite no paiz, deixando entrever o futuro que ainda podemos esperar nessa particularidade.

Fazendo esta retificação, não me sinto em absoluto diminuido, pois, peor do que errar, é insistir no erro. Nunca, porém, poderá haver progresso em qualquer atividade humana, enquanto mesquinhos sentimentos pessoais estiverem acima do que fór justo e verdadeiro".

# 99,88%

É A PUREZA DO

## Formicida "Jupiter"

Segundo Analise do Ministerio de Agricultura em 4-3-1932

"Elekeiroz" S. A.

AGENTE DO RIO

**E. POLTO**

R. São Pedro, 43

# Estação Experimental de Bello Horizonte

A Estação Experimental de Agricultura de Bello Horizonte, fundada ha apenas tres annos pelo governo estadual, em substituição ao antigo Horto Florestal, vem realizando um criterioso trabalho no estudo dos problemas que se relacionam com o desenvolvimento da agricultura mineira.

Sendo a agricultura uma fonte de riqueza que é preciso desenvolver cada vez mais e dependendo o seu desenvolvimento não só do aperfeiçoamento dos methodos de trabalho, mas ainda e principalmente da boa semente, como materia prima desse mesmo trabalho, facil se torna avaliar a importancia de estabelecimentos como a Estação Experimental, cuja finalidade principal é o estudo das especies vegetaes que constituem objecto das explorações agriculas, visando a produção de sementes cuidadosamente seleccionadas para o seu fornecimento aos agricultores.

Com esse objectivo aquelle estabelecimento vem consagrando as suas actividades ás observações e experiencias em torno principalmente das plantas cereali-feras, leguminosas, tuberosas, sacari-feras, fructi-feras, oleaginosas, forrageiras e outras, sem descurar ainda da silvicultura, que é um dos problemas de mais alto relevo na protecção das fontes de riqueza.

A Estação Experimental desenvolve com especial carinho os seus estudos em torno da citricultura, da viticultura e da canna de assucar. E' assim que tem em estudos, presentemente, 77 variedades de citrus, das quaes 33 já catalogadas como aconselháveis aos agricultores; 66 variedades de parreiras, com 15 apenas em condições de serem recommendadas para as culturas mineiras, ou sejam 11 para vinho e 4 para mesa; e, finalmente, 13 variedades de cannas, na sua maioria javanezas, cuja implantação nos cannaviaes vêm já de muito contribuindo para o seu renovamento.

Dentre 20 variedades de plantas oleaginosas, a Estação já conseguiu seleccionar quatro, cuja produção varia de 45 a 50% de oleo, ou sejam de 600 a 1.800 kilos desse producto por hectare. O amendoim, o tanguê, a noqueira da Iguape e a cotieira, são oleaginosas em estudos que a Estação visa tambem implantar em Minas para o seu aproveitamento industrial. 92 variedades de plantas forrageiras (grammíneas, leguminosas, compostas, etc.) estão sendo estudadas com grande interesse, quanto ao rendimento, resistencia ás sêccas e excessos de chuvas, o mesmo acontecendo em referencia ás plantas texteis, muitas de cujas variedades são objecto de estudos quanto ás qualidades da fibra e adaptação a culturas regulares.

Sobre essencias florestaes, a Estação Experimental se occupa de diversas variedades exóticas e indígenas de variadas applicações, como combustivel, marcenaria, construcções navaes, confecção de caixas para embalagem de fructas, para moirões, cercas, etc.

Sendo a cultura do fumo uma das possibilidades mais promissoras da lavoura mineira, os estudos em torno dessa especie vegetal constituem outras actividades merecedoras do maior carinho da parte daquelle estabelecimento agronomico, que visa do modo especial o fomento da produção de fumo para charutos (enchimento e capas), de que conta actualmente 30 variedades, que estão sendo cultivadas em seus campos de demonstração.

Como resultados praticos das actividades desenvolvidas pela Estação Experimental, no decurso de 1934, podem ser consignados os fornecimentos de sementes e mudas aos agricultores mineiros, cujo valor total, não obstante os reduzidos preços exigidos, subiu a 83.281\$000, demonstrando assim o interesse dos lavradores em se servir dos recursos que lhes proporciona a administração estadual, por intermedio do referido estabelecimento.

## CASA FLORA Schlick & Nogueira



Rio de Janeiro  
Ouvidor, 61  
Gonç. Dias, 67

•  
TRABALHOS  
MODERNOS EM  
FLORES PARA  
TODOS OS FINIS.

PLANTAS - fructi-feras e  
ornamentaes.

SEMENTES - importação directa.

FERRAMENTAS - INSECTICIDAS

A JARDINAMENTO.

# O consumo mundial de leite e derivados

A Sociedade Nacional de Agricultura recebeu diversos interessantes trabalhos do conhecido tecnico italiano Elia Savini, editados pelo Instituto Experimental de Queijaria de Lodi, Italia. Entre estes trabalhos se destaca um intitulado "BEBAMOS LEITE" pelas recentes e mui interessantes estatisticas de consumo medio por habitante de uma serie de paises, a cuja transcriçao não nos podemos furtar. Eis-a:

## Consumo de leite em litros por dia

Suissa .. . . .	1.040
Inglaterra .. . . .	0.920
Suecia .. . . .	0.880
Dinamarca .. . . .	0.720
Noruega .. . . .	0.680
Canadá .. . . .	0.660
Estados Unidos .. . . .	0.660
Alemanha .. . . .	0.410
Austria .. . . .	0.400
Ungria .. . . .	0.260
Belgica .. . . .	0.260
Polonia .. . . .	0.260
Nova Gales do Sul .. . . .	0.260
Olanda .. . . .	0.239
França .. . . .	0.220
Australia .. . . .	0.216
Italia .. . . .	0.128

## Consumo de manteiga em quillos por ano

Nova Zelandia .. . . .	15.40
Canadá .. . . .	13.80
Australia .. . . .	13.60
Inglaterra .. . . .	10.70
Dinamarca .. . . .	8.50
Alemanha .. . . .	7.90
Estados Unidos .. . . .	7.90
Olanda .. . . .	6.80
Suissa .. . . .	6.20
França .. . . .	4.90
Italia .. . . .	1.20

## Consumo de queijo em quillo por ano

Suissa .. . . .	10.40
França .. . . .	6.07
Olanda .. . . .	5.60
Italia .. . . .	5.50
Inglaterra .. . . .	4.30
Nova Zelandia .. . . .	2.60
Estados Unidos .. . . .	2.10
Australia .. . . .	1.60
Canadá .. . . .	1.50

Como se vê o Brasil não se encontra entre os países citados. Não ha admiração para isso, pois, como não nos cançamos em assignalar, os consumos de leite e derivados entre nós são verdadeiramente insufficientes. Com a publicação do seu citado trabalho, Elia Sa-

vini quer mostrar o diminuto consumo medio de leite e derivados na Italia, comparando-o a outros países grandes consumidores e batendo-se pelo augmento do respectivo consumo na Italia. Com quanta melancolia não devemos então entrar com as nossas aliás bem imprecisas cifras brasileiras. Qual é verdadeiramente o consumo medio de leite por cidadão brasileiro? De varias cidades temos cifras desde 20 até 200 grammas por dia e habitante. Esta ultima, como é natural, provem de Porto Alegre, cidade onde predomina o sangue germanico. O que são 20 grammas de leite por dia? Mal darão para colorir uma chavena! Com a manteiga e o queijo estamos nas mesmas condições. Entretanto, em virtude de ser um país agro-pecuario por excellencia, o Brasil devia ter um consumo de leite e derivados muito maior. Comtudo, elle é bem menor do que o de muitos países que, absolutamente, não offerecem as mesmas possibilidades agro-pecuarias e, por isso, importam grandes quantidades de manteiga e queijos.

Diz-se que tudo ainda está por fazer no Brasil e no patriotico afan de realizar tudo isso, tem-se esquecido até hoje de fazer aquillo que é mais necessario para o perfeito desenvolvimento das actividades humanas: a perfeita alimentação. A nossa alimentação está inteiramente baseada em principios errados, copiando a alimentação de países europeus, cujas condições de vida são completamente differentes das nossas. Com esse systema de copiar, desprezamos até os alimentos naturaes que a Natureza no offerece espontaneamente pelo solo brasileiro. E entre estes sobresahe de maneira incontestavel o leite — o alimento por excellencia! Fóra de algumas pequenas tentativas, temos até agora apenas a assignalar uma unica campanha contra estado de cousas e que é a da IPES (Inspectoria de Propaganda e Educação Sanitaria do Departamento Nacional de Saude Publica), cujos sabios conselhos já tantas vezes tivemos ensejo de apreciar, faltando, porém, certamente á maioria de nós todos apenas segui-los. Será difficil, mas virá, desde que se insista em tão util campanha entre nós. Esta campanha é de tanto maior utilidade e necessidade, quando não ignoramos que a alimentação não deixa de ser a base da vida, de saude e, como diz o dictado, "mens sana in corpore sano", sómente poderemos resolver todos os magnos problemas politico-economicos que tanto nos preocupam, alimentando-nos correctamente!

Por isso mesmo não podemos deixar de assignalar a feliz expressão do nosso muito digno Vice-Presidente em exercicio, Snr. Dr. Arthur Torres Filho, recomendendo procurarmos para o justo equilibrio do nosso metabolismo economico, o alimento do nosso consumo interno de artigos de produção nacional. Esse foi sempre o ideal pelo qual nos batemos. Não é uma phrase, mas sim um programma da mais larga projecção patriótica e humanitaria.

# O Grande Problema de Açúcar

AUGUSTO RAMOS  
Vice-Presidente honorario da S. N. A.

O problema do açúcar, no Brasil, apresenta-se em condições especiaes e por isso mesmo é também especial a sua solução.

Antes de receber a invasão do café (feliz invasão), o Brasil era um grande produtor de açúcar e chegou a supprir, em larga escala, os mercados do mundo. Ainda hoje se encontram vestígios dessa florecente industria espalhados pelas velhas fazendas de varios Estados, desde o Norte até S. Paulo, onde Aráras, Campinas e o outros municipios eram centros de riqueza e opulencia provindos do cultivo e exploração da canna sustentada pelo braço escravo.

Surgiu porém a beterraba e o nosso açúcar foi sendo rechassado por seus antigos clientes, passando o Brasil a produzir somente para o consumo interno com sobras pouco volumosas destinadas a ser consumidas no estrangeiro, principalmente na Inglaterra.

Ha meio seculo ou pouco mais, a industria rejuveneceu recebendo auxilio do governo, montando-se varias usinas aperfeçoadas na zona Campista, (Quissaman) e no Norte. Ainda em 1902, por occasião da Conierencia Açucareira da Bahia, os Congressistas (dos quaes tive a honra de fazer parte como representante do governo de S. Paulo), visitaram a região de Santo Amaro e lá vimos, soterradas na lama, em completo abandono, enormes usinas com material de 1.<sup>a</sup> ordem corroidas pelo tempo e pelas intempéries. Mas a nossa industria foi progredindo, batida embora pelo açúcar europeu, conseguindo-se fundar varios emporios produtores, dos quaes um ao Norte no Estado de Pernambuco, e outro no Sui, isto é, na região de Campos.

S. Paulo, (atolado em café), mais ou menos se imobilisou por algum tempo na velha industria a qual se foi localizando na região de Piracicaba, surgindo em mais um ou outro ponto do Estado, onde hoje se encontram fabricas modernas, aperfeçoadas, cuja produção o consumo paulista absorve toda e não lhe basta.

Neste momento, em virtude principalmente da acção organizadora e prestigiosa do Instituto de Açúcar, apoiado no Banco do Brasil e com a boa vontade do Sr. Presidente da Republica, a industria açucareira nacional está florescente em todo o paiz, sem que, por isso, entretanto, os preços do mercado deixem de ser perfeitamente razoaveis: sem sacrificio de ninguem e permitindo que á sua sombra se erga uma outra industria de enorme alcance para o Brasil: a industria do alcool baixo, alcool commum, porém alcool absoluto, chamado *alcool motor*.

Veremos adiante quão providencial vae ser esse desdobramento da industria açucareira, constituindo-se a chave capaz de resolver por longos annos o nosso problema.

- Em duas classes se dividem as nossas fabricas de açúcar: as usinas e os banguês. As usinas têm material mais poderoso e principalmente mais aperfeçoadado com o qual se fabrica desde o genero trigueiro e amorfo até o superior açúcar crystalizado branco.

O açúcar de banguê é um genero muito vendido para a exportação onde é applicado na fabricação de geléas, alcool, etc.

Ha ainda, além das duas classes de fabricas acima citadas, uma intermediaria, que se deominam *meias usinas*, as quaes produzem açúcar crystalizado mas sem os aparelhos aperfeçoados que os completam.

O rendimento em peso, do açúcar fabricado, em relação ao peso da canna utilizada, ou esmagada, varia em média, entre 8 a 10% para as usinas e 4 a 5% para os banguês. Esse baixo rendimento de 8 a 10%, das usinas brasileiras, quando em Java e Cuba se eleva além de 12%, é devido a varias causas, sendo principaes o mau esmagamento das moendas, a utilização de cannas velhas, isto é, não recém-cortadas, e, finalmente, a má composição do sólo. Ninguem quasi consegue moer cannas frescas (cortadas no mesmo dia ou na vespera), sendo frequente serem trabalhadas depois de 3, 4 ou 6 dias de colhidas, sendo esses os prazos habituaes requeridos pelas linhas ferreas de transporte: Companhia Leopoldina, Great Western, para só citar as maiores.

Qualquer tecnico conhece a enorme influencia nociva de um trabalho assim conduzido, e, portanto, o baixo rendimento da fabricação.

Estas informações referem-se principalmente á zona campista, que melhor conheço, havendo excepções principalmente em S. Paulo, mas não em todas as usinas. Nessas perdas vão-se os 2, 3 ou 4% de diferença da fabricação dos grandes produtores estrangeiros sobre a nossa.

Perdõe-me o leitor essas corriqueirices que estou escrevendo e são já do seu conhecimento. Faço-o por necessidade da exposição, pois tenho de a ellas me reportar em outro lugar. O banguê tem sido e é ainda um obstaculo ao aperfeçoadamento da industria no Brasil, e as cento e tantas usinas mais ou menos modernas que hoje existem no Norte representam, até certo ponto, o desaparecimento de banguês em numero proporcional.

Fui convidado, tempos atraz, mais de uma vez, para uma campanha visando a extincção dos banguês; recusei-me salvo, se remunerassemos pelos seus justos preços, na occasião, os seus proprietarios; mas tal olução não a quizeram.

Admitto, conforme já acima affirmei, que a extincção de banguês seria um grande passo em favor da industria, mas não á custa da redução á miseria dos ban-

guêseiros. Ha perto de 30 annos escrevi um folheto em S. Paulo lembrando ao governo a necessidade de uma lei que impedisse, no Estado, a fundação de novas fabricas de açucar *não aperfeiçoadas*, para evitar que se produzisse o actual impasse do Norte onde nada se pôde aperfeiçoar sem reduzir á miseria um ou dois milhões dos seus povoadores, os quaes, afinal de contas, são os verdadeiros proprietarios daquella terra, os seus legitimos donos da casa.

Felizmente, mesmo sem lei apropriada, a attenção dos paulistas para o caso foi despertada e os bangüês — que já não eram muitos, — não augmentaram, achando-se S. Paulo com fabricas (algumas das quaes figuram entre as maiores e melhores do Brasil), que lhe dão quasi 2 milhões de saccas de bom açucar, por anno.

Ponhamos porém de lado essa grandiosa phantasia e prosigamos em o nosso estudo.

Vê-se, pois, que a solução do problema pela eliminação em grupos de bangüês em troca de novas usinas, seria morosa e praticamente interminavel. Ella se simplificaría muito se em vez de usinas de açucar sómente, fossem, em grande parte substituidas por fabricas de alcool motor. O estudo desse plano já occorreu muito naturalmente á alta direcção do nosso Instituto de Açucar e Alcool, visto achar-se logicamente na ordem de suas idéas. Ainda assim seria um plano algo demorado, que entretanto, difficil de encurtar.

Applicado em grande escala, passará a ser um plano a Roosevelt audacioso, mas exequivel, e que, se fosse tentado, mereceria louvores.

Convem observar que essa solução pelo alcool tem sobre a das usinas de açucar a grande vantagem de não provocar a super-produção geradora de preços infimos, que são a ruma e desgraça dos productores.

A applicação cautelosa do Reajustamento aos productores do Norte seria um poderoso auxilio á solução que tanto buscamos.

A industria açucareira no Brasil tem atravessado durtas vicissitudes, quasi sempre oriundas da super-produção e dos preços baixos no estrangeiro. O productur nacional via-se como um sandwich comprimido entre dois preços cada qual mais baixo e mais cruciante: o preço no mercado interno e o preço no mercado exte-

rior. Nessas occasiões os stocks passavam de um anno para outro e quasi sempre, infelizmente, nas mãos dos intermediarios. A crise de preços começava logo no início da safra. O pobre productor sentindo que as suas remessas não cobriam nem os gastos da fabricação e transporte appellava para o Banco do Brasil o qual com frequencia lhe recusava recursos pois dizia não poder adiantar dinheiro sobre um genero que valia uma miseria. De toda a parte mais e mais cahiam as cotações até que em ultimo transe recorriam a exportação onde os premios os esperavam para o golpe de misericordia.

O remedio da exportação chegava porém sempre tarde. Os preços subiam mas a safra estava perdida. Nada apurando, de lucros, faltavam aos productores recursos para manter suas plantações e cuidar de seus aparelhos. As safras decresciam, subindo os preços; mas já não havia açucar, ou se havia, estava nas mãos de terceiros (negociantes). Começava-se vida nova. Se, para renovar ou retocar seu material, o usineiro conseguia adquirir o crédito que na usina lhe faltava, ficava individualizado por toda a vida. Quando, ao bafejo de uma passageira aragem de prosperidade, o misero ia pagar suas dividas, verificava que a industria estrangeira tinha caminhado com a introdução de numerosos melhoramentos, melhoramentos que elle não podia adquirir por falta de dinheiro ou credito. Eis ahí o infernal circulo vicioso e a explicação do nosso atrazo açucareiro.

Começava-se vida nova para passar gemendo pelos mesmos supplicios e acabar dependurado na mesma força.

Nessa luta para fugir ao ruinoso mercado externo, os usineiros de todo o Brasil commetiam um grande erro, que muitas vezes esforcei-me por corrigir, mas sem conseguir; consistia no seguinte: em vez de exportar logo no começo da safra todo o açucar produzido em excesso (obtido por avaliação) de modo a conseguir bons preços no consumo interno, conseguindo-se lucro razoavel no trabalho, deixavam para o final a exportação e esta os esmagava. A causa dessa remessa tardia, para o estrangeiro, provinha da falta de um entendimento entre os productores do Norte e do Sul ou entre Pernambuco e Campos. E tudo isso por um motivo que sempre se repetia: a diferença existente entre as duas épocas das colheitas nos dois grandes centros de produção. Quando Pernambuco, em começo de sua safra, pedia a Campos

**SENHORES AGRICULTORES!!! FORMICIDA EM PÓ**

— USEM SÓ —

# “Morte às Formigas”

**50 RÉIS** é o custo maximo de cada litro do melhor formicida que existe! Uma lata de formicida concentrada em pó, marca “Morte às Formigas”, dá para 120 litros de solução super-extra-forte, infallivel na extincção de formigueiros. **FABRICANTES CHIMICOS**

**DR. OLESEN & Cia. — Rua S. Pedro, 115 — Rio de Janeiro**

Depositarios em S. Paulo: **Comp. Ind. e Mercantil “CASA FRACALANZA” Rua Piratininga, 96**

Vendo-se em toda parte - Exigir sempre a marca “MORTE ÀS FORMIGAS” - Uma lata pelo Correio ..... 6\$

o seu concurso, para encarregar-se da exportação de uma parte do açúcar fabricado, Campos recusava, allegando que já concluíra a sua safra e que por isso a alta dos preços pouco o interessava. Dahi a 6 mezes os papéis se invertiam: Campos convidava Pernambuco e este recusava, allegando os mesmos motivos. E o açúcar ia se accumulando, mas a falta de entendimento persistia entre os dois rivaes, quando entretanto tudo os levava a uma boa e sã camaradagem.

Havia ainda outros motivos para o desaccôrdo, mas esse que descrevi era o principal. — Em 1908 — ha 25 annos, portanto, uma commissão de açucareiros do Norte foi a São Paulo tratar da má situação do nosso velho e grande producto. O governo paulista chamou-me do Paraná onde eu me achava e encarregou-me de me entender com a referida commissão (quasi composta de velhos camaradas meus). Pois não houve meio de se conseguir a almejada harmonia, retirando-se a commissão tendo perdido o seu tempo.

Nessa occasião São Paulo produzia pequena quantidade de açúcar e ligava pouca attenção á velha industria. Recommendou-me que no momento o caso pouco interessava ao Estado, em virtude de outras grandes preoccupações que o absorvia. A commissão reconheceu que as coisas não podiam ser de outra maneira e regressou ás suas usinas.

Hoje, como se vae ver, as coisas estão inteiramente mudadas.

O governo de S. Paulo, pelo menos durante a primeira republica, nunca ligou grande importancia ao desenvolvimento da producção açucareira no Estado, de modo que o pouco que nesse sentido se avançava era devido á iniciativa particular.

Em todo o caso, lembro-me de que se conseguiu um abatimento de 40% nos fretes do açúcar fabricado no Estado. Era um verdadeiro premio á producção, o qual agia simultaneamente como um estimulante á fundação de novas usinas e como uma defesa contra o açúcar importado, embora não fossem esses, de modo algum, os intuitos ou pensamento siquer do governo que assim agindo, satisfazia apenas as solicitações dos fabricantes de açúcar no Estado, os quaes pouco progrediam por se achar frequentemente em crise esse producto. Era simplesmente um pedido de allivio para uma situação angustiosa.

Na Conferencia da Bahia, em 1902, quando communiquei a existencia desses premios no transporte, levantaram-se calorosos applausos á orientação paulista, solicitando-se dos demais Estados productores a adopção de tão acertada medida.

Seja por esse motivo, seja tambem por outros, conforme realmente aconteceu, o facto é que nestes ultimos 30 annos, a producção açucareira paulista passou de meio milhão de saccas para dois milhões com forte tendencia para crescer.

As antigas fabricas ou engenhos foram reformadas,

ao mesmo tempo que se coustruiram não poucas usinas novas, dotadas dos ultimos aperfeiçoamentos.

Os cannaviaes foram atacados pelo mosaico mas os interessados deram-lhes rijos combates, de modo que hoje domina, sem contraste no Estado, a canna de Java obtida entre as melhores dessa ilha que pelo seu adiantamento na apparellagem como na materia prima, é hoje o mais adiantado paiz do mundo, sendo tambem, entretanto, um dos que mais estão soffrendo com a crise, tendo abarrotados de açúcar os seus armazens, impossibilitada de conseguir exportação.

E é em virtude dessa difficil situação que a Hollanda accitou entrar no plano Chadburne apesar da feroz limitação que esse plano lhe impoz.

Foi por semelhantes razões que a grande maioria dos paizes productores europeus promoveram ou accitaram fazer parte do mesmo plano, cujo objectivo principal é elevar e sustentar em um nivel conveniente para productores e consumidores, os preços desse nobre e grande producto.

A base de sustentação desse nivel reside na grande lei economica da offerta e da procura, consubstanciada neste nosso caso, como em outros casos analogos, no equilibrio entre a producção e o consumo do açúcar. Ser o ponto de equilibrio entre essas duas forças soberanas é ser o grande e insubstituivel centro economico do qual irradiam e para o qual convergem todas as forças destinadas a pelear na grandiosa luta netre as oscillações mais ou menos profundas que agitam, balançam, sacodem e fazer tremor os que produzem e os que consomem, enfim, os que trabalham.

Contra essas forças hoje, no mundo do trabalho ergue-se um inimigo temeroso e quasi invencivel: é a *superproducção*. Até ha annos atraz, os seus golpes eram traçoieiros porque os povos não se conheciam uns aos outros e ninguem percebia donde vinham nem se comprehendia que o trabalho se pudesse transformar em prejuizos, soffrimentos, ruinas e desesperos; e que quanto mais se trabalhasse, em certos casos, mais se vendia.

Depois os povos cresceram até se acotovelarem e viu-se então com espanto serem os productos os que maior choque soffriam, desmoronando-se as pilhas de saccas recheiadas e atirando-as ao fogo e ao mar. Não tinha nem tem folego o consumidor e morre-se de fome apesar de enterrado nas tulhas dos cereaes colhidos que são, repudiados pela antiga clientela. Travada está a luta entre as aduanas, no inicio, para acabarem ao tirar dos canhões.

Apesar, porém, de todos os esforços para combater a superproducção tem crescido e se generalizado. Quasi todos os productos estão por ella avassalados e nos quatro ou cinco annos que ella domina, os progressos contrarios têm sido virtualmente nullos.

Contra a superproducção o combate visou a principio o aumento do consumo e o pedido ou intimação para o abaixamento de tarifas. Resultados — nullos.

Em vez de diminuir tarifas, os povos quasi todos as

levantaram com o fim de obterem renda e defenderem a produção nacional.

Eis ahí o espectáculo que em todo o mundo, ás nossas vistas se desenrola repleto de episodios mais ou menos dramaticos taes como o dos milhões de desoccupados, o abaixamento repentino da libra e do dollar, as ameaças de guerra, etc.

Passando desse quadro geral para o do açúcar, vê-se que muito se assemelham os episodios.

Terminada a grande guerra, os productos accumulados pelos governantes tornaram-se de frenesi atirando-se ao augmento de suas culturas, guardando ou armazenando as quantidades que lhes sobravam em relação ao consumo mundial, até que tudo transbordou.

Interrompido em parte o trabalho, as usinas despediram, á força, seus operarios famintos e sem recursos, os quaes passaram a ser sustentados pelo thesouro em cada paiz, desequilibrando as finanças, fazendo grèves, provocando desordens.

Verifica-se com desolação, que o consumo não crescia e que a crise se eternizava, sendo necessarios para vencel-a, remedios mais energicos e efficientes, e que o unico caminho a seguir era o de reduzir a produção e para tomar outras medidas.

O problema era de difficil solução, por vir rodeado de problemas secundarios que era necessario ageitar. Entre elles estava o do açúcar armazenado, sobranse das safras passadas; o do preço minimo. Era indispensavel uma disciplina de ferro e um grande sentimento de renuncia e de sacrificio, para se conseguir o buscado resultado. Veremos, para o Brasil, o seguimento dessa formidavel campanha, os resultados até agora colhidos e a perspectiva que se nos defronta.

O mundo açucareiro — já aqui foi dito, move-se neste momento em plena super-produção, que vem durante varios annos, soffrendo verdadeiras devastações e incalculaveis prejuizos. A acção concertada dos principaes paizes productores tem conseguido detel-a, mas não ainda reduzir o conjunto das safras ás suas necessarias proporções, de modo que os preços pouco têm melhorado. Mas os interessados, quasi todos, contiuaem na grande luta, acabando sem duvida por vencer, mas sómente ao fim de alguns annos. Cuba e Java os dois maiores productores do mundo já reduziram a menos de metade a sua produção, com suas usinas paradas ou trabalhando a menos de meia força.

Os outros paizes estão quasi na mesma situação.

No Brasil o açúcar tem vivido tambem em super-produção a despeito de lhes estarem abertos dois grandes campos de consumo: o campo nacional e o campo estrangeiro.

A produção brasileira excede algo mais de um decimo ao seu consumo o qual a vae abastecendo até a saturação. Dahi em diante todo o açúcar sobranse é remetido para a Europa, isto é, para o seu segundo campo consumidor.

Quando como nos ultimos annos passados, as cotações do mercado estrangeiro estão muito baixas todo o açúcar exportado dá avultado prejuizo e muita gente se tem arruinado com essa operação.

Nessa occasião os preços — nacional e estrangeiro — sensivelmente se nivelam nos dois campos, não podendo o infeliz productor fugir ao terrivel dilemma.

Em semelhante emergencia, como combater a super-produção? De que modo aliviar os sacrificados productores?

O remedio de emergencia consistirá em dar a estes, directa ou indirectamente, uma compensação em dinheiro para cobrir os prejuizos da exportação, e dispor ainda as cousas de maneira que a partir do proximo anno ou de um dos annos immediatos se estabeleça o equilibrio entre a nossa produção e o nosso consumo interno. A super-produção ficaria assim suprimida, como suprimidos os prejuizos da exportação porque esta desapareceria.

Equilibrada a offerta com a procura, dentro do paiz, e praticada uma facil manobra no mercado, os preços tomariam o seu nivel normal em beneficio de productores e consumidores, pelo acerto do preço adoptado.

Vejamos mais minuciosamente com as condições que acabo de indicar, quaes as vantagens e desvantagens a esperar-se da applicação do plano delineado e quaes as demais medidas a tomar para mantel-o e consolidal-o. Attingida essa situação estaria afinal resolvido o nosso grande problema do açúcar.

O primeiro resultado seria a estabilização do mercado a um preço remunerador, a confiança no commercio do producto e, com os justos lucros do negocio, a possibilidade de aperfeiçoamento das installações, o abaixamento do custo de produção, enfim a prosperidade permanente da industria.

Poderíamos, dentro de poucos annos, hobrear com Cuba na percentagem da extracção e no custo de produção.

**ATELIER DE GRAVURAS**

**SILVA**

**&**

**43, AVENIDA GOMES FREIRE, 43**

**BARRETO**

**TELEPHONE 22-6894**

**RIO DE JANEIRO**

**GRAVADORES**

As desvantagens seriam a paralysação no augmento da nossa producção e o dispendio para cobrir os prejuizos da exportação. Seriam, porém, desvantagens apparentes, isto é, desvantagens folgadoamente cobertas com os beneficios produzidos.

Se se pudesse contar com o mesmo preço para o caso da limitação como para o caso da liberdade de producção, é evidente que toda a vantagem estaria com os que produzissem em liberdade, illimitadamente. Mas a situação é toda differente nos dois casos, e é dahi que proveio a baixa dos preços e a ruina dos industriaes. Tal o scenario do que se passa em todo o mundo, sem exceptuar o Brasil.

Se aos nossos productores offerecermos recursos sem lhes limitar a producção é claro que a maior parte da quantia que receberem, elles irão applical-a em augmentar sua aparelhagem e suas lavouras e, então veremos em breve aggravar-se a crise com o esforço do açúcar produzido a mais. E como em toda a parte continua dominar o excesso do genero, é claro que cahirão ainda mais fortemente as cotações arrastando á ruina os interessados.

De que serviria então o accrescido volume de açúcar se, por unidade, esse açúcar pouco valeria?

A prova de que assim é está a nossas vistas pois estamos assistindo a intervenções frequentes, no mercado do Instituto de Açúcar e Alcool, enquanto o mesmo se faz com o café e pelos mesmos motivos.

Se não existisse essa intervenção, o açúcar que hoje se vende a 50\$000 réis a sacca, estaria (com a actividade das safras do Norte) a 25 ou 30, pois não ha muito elle se vendia a essa cotação.

Com essa differença de preços uma usina que fabricasse 70 mil saccas perderia, digamos, 20 mil réis em cada uma, ou um total de "Mil quatrocentos contos de réis".

Submeter-se alguém á enormidade de um prejuizo desses sómente para não ser incluído na limitação, não seria um acto de verdadeira loucura que nenhum industrial praticaria?

No Brasil, já ficou dito, a safra do açúcar divide-se em duas épocas ou estados, sendo uma de Junho a Dezembro e outra de Outubro a Março. Ha cerca de 25 annos, S. Paulo podia produzir 500 mil seccas e Campos mais ou meos 800 a 1.000. Hoje S. Paulo pôde produzir 2 milhões de saccas enquanto Campos produz 1.500.000.

S. Paulo consome cerca de 4 milhões de saccas (tudo em numero redondo), sendo uma parte vinda do Norte (a partir da Bahia), e outra parte fabricada no Sul (a partir do Rio de Janeiro). A' primeira vista parece que S. Paulo, pelo facto de ser importador de açúcar, não devia ser contemplado na limitação, ficando com plena liberdade de ampliar á vontade os seus cannavieas.

Ha nisso, a meu ver, um patente equívoco.

Não influiu S. Paulo, com a sua producção, para alimentar a super-producção e portanto, a baixa geral das cogitações na mesma proporção dos demais Estados açucareiros?

A circumstancia de ter ainda um campo enorme de consumo para uma de suas maiores industrias, colloca-o em condições superiores ás de qualquer outro productor. Por outro lado constata-se que as vantagens e lucros tanto o beneficiara a elle como aos seus companheiros e que uma larga parte dos beneficios esperados da defesa organizada do açúcar lhe caberá em igualdade de condições.

Certo, S. Paulo sentir-se ha tolhido por algum tempo em sua expansão açucareira mas aos outros Estados productores o mesmo succederá. Marcharão todos em passo equiparado.

Suppõe-se que durante esse intervallo conservar-se ha o mesmo rythmo do costume. Na realidade, entretanto, serão melhorados sem duvida os methodos culturaes e o tratamento de aparelhagem, emfim os processos de fabricação e o melhor tratamento, em geral tão descuidados, dos campos cultivados, facultando, aos interessados os ensinamentos que devem adquirir e praticar.

Melhor fôra., evidentemente que não houvesse necessidade de nenhuma limitação; mas já vimos que seria um desastre dispensal-a. Que faça cada um o seu sacrificio para que, assim, com as forças reunidas, arredemos do nosso caminho a montanha de açúcar que nos está barrando a passagem e nos ameaça com os preços baixos — esse portadores de desgraça para quem trabalha.

Quanto tempo será necessario para cessar a limitação? Ninguém pôde dizel-o, em virtude dos innumerous elementos variaveis e imprevisitos a influirem no problema. O alcool conforme veremos em outro artigo, e um dos factores mais decisivos da buscada solução. Pois bem., qual será a marcha da producção do alcool?

Em todo o caso, é interessante o ensaio e espero estudal-o mais tarde.

Foi muito notada a severidade das medidas coercitivas e fiscalizadoras destinadas a garantir a observancia dos preceitos ou regulamentos impostos a cada productor.

A meu ver as cousas deviam ser feitas com o rigor que se lhes imprimiu. E' absolutamente indispensavel que não haja transgressores no funcionamento da grande e poderosa organização, sob pena de desmoralizal-a e fazel-a ruir com o sacrificio completo do systema e dos interessados, e isso sómente com rigorosa intransigencia poderá ser conseguida. O director precisa fazer o bem a "força" e isso só se consegue com disciplina, justiça, bondade e energia.

Não é porque tenhamos maior ou menor sympathia pelo assucar que nós o fabricamos, mas sim pelo dinheiro que elle nos proporciona; dinheiro quer dizer conforto, quer dizer alimentação, vestuario, gozos e tudo o mais que dinheiro custa.

É fascinante esse espectáculo de seguirmos com o pensamento dois grandes navios carregados de assucar, partindo no mesmo dia, na mesma hora, um de Java nos confins do Oriente e outro do Brasil, para irem chocar-se nos mesmos mercados disputando, cada um, o seu cliente, isto é, o dinheiro do seu cliente. Cada sacca de assucar vale, então, por um projectil e a batalha dura enquanto ainda existem baías. Victorioso é quem em tal emergencia, offerece por menor preço a mercadoria, e o faz provadamente, porque menos lhe custou produzi-la, ou se sente amparado pelos seus governos dos quaes ás vezes auferi gordas subvenções ou, ainda, porque viaja sob a protecção de um *trust*.

Nestas batalhas, annos seguidos, nos vimos nós, — brasileiros — empenhados, remetendo ao mercado europeu — principalmente o da Inglaterra — as sobras do nosso açucar, e de lá voltando mal feridos, perdendo, como agora 20\$000 em sacca. Em um navio com 25 mil saccas, esse prejuizo attingiria a bagatela de 500 contos de réis. No anno seguinte o negocio se repetirá com analogos resultados, embora desfalcados pelo declinio da colheita anterior.

Quem perde? É o producto que, do que tinha, tudo se despoja, e vai encontrar-se, desanimado, a um canto de sua fabrica. O consumidor, esse, nem dá fé da luta que se trava, tão reduzida para elle é a differença entre as duas situações que o comprimem.

É por todos esses motivos, que para nós productores de assucar do Brasil, a *Exportação* é o terror, é o sacrificio, é a fome.

Mas que fazer se o custo do producto tambem baixou internamente? É o reinado da Super-produção com suas devastações e seus horrores.

Comprende-se que para fugir aos baixos preços da exportação e do mercado internos, os productores busquem uma outra sahida para sua desesperada situação. Esse derivativo tem sido o alcool baixo. Tão reduzido porém, é o consumo por essa fonte que quasi nenhum alivio offerece aos interessados.

O resultado final de todos esses scenarios é o abandono de uma parte da colheita; é a redução da colheita seguinte, é a completa desorganização da industria.

Essa desorganização que existiu até ha pouco tempo, está hoje inteiramente transformada, e a industria rapidamente se reorganiza em todo o paiz.

Para o escoamento das sobras de nossas colheitas

está se abrindo uma poderosa valvula; é a da substituição em larga escala, da gasolina pelo alcool motor, em mistura conveniente.

Em virtude da acertada orientação do governo na pessoa do Sr. Dr. Truda do poderoso concurso do Banco do Brasil, estão se montando em varios centros assucareiros do paiz, aperfeiçoadas fabricas de alcool absoluto. Ao mesmo tempo vai se buscando alargar o uso desse novo agente de força allias já bastante expandido, principalmente em Pernambuco. Dentro de poucos annos se quizermos, ao que parece, não mais poderá haver sobras de assucar para a exportação, nem portanto, crise de preços de preços, no paiz. Esse brilhante estado de coisas terá para sustental-o o Instituto do Assucar e Alcool, em quanto praticar o orientação que tem revelado. Não nos illudamos porém. No correr dos annos, serão frequente as vicissitudes envolventes da organização assucareira. No exterior não faltarão movimentos na produção e nos preços, factores que influirão em nossa situação. No interior é de esperar que se manifestem reacções mais ou menos atediveis, umas, outras não. O paiz naturalmente buscará augmentar e hem collocar sua produção e muito provavelmente só em porte poderá attendel-a ampliando prudentemente e com justiça a limitação existente. Essa limitação será sempre um ponto de discordia, pela somma e complexidade de interesses que a envolvem, mas não poderá ser abolida. É a chave do systema. Vale por uma barreira contra a qual todos investem buscando sahir, mesmo, se preciso fór, dando em terra com o Instituto. Este por isso mesmo, precisa estar sempre consolidado, com recursos em reserva para os imprevistos.

A base de todo o systema é a cooperação onde não falta jamais a disciplina nem um sincero esforço da parte de todos, para reciprocamente se valerem.

As surpresas que não raro apparecem, mais não são quasi nunca, do que reacções de adaptação a situações novas representando etapas de uma evolução que sem cessar se movimenta.

O nosso paiz é vasto e em dois terços do seu territorio existem climas apropriados á cultura da canna. Isso quer dizer que essa cultura avançará, sem interrupção em paralelo, já se vê., com a multiplicação das fabricas de assucar e do alcool.

No commando desse crescimento está naturalmente, o augmento da população. Se um acolhimento ra-

FRANCISCO

GIFFONI &amp; C.

**INSOLAÇÃO-TYPHO-UREMIA**  
**INFECCOES INTESTINAES, URINARIAS**  
 EVITAM-SE USANDO  
**UROFORMINA**  
 DE GIFFONI  
 EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

R. 1 de Março, 17

Rio de Janeiro

cional, technico e economico não vier com solicitude ao encontro desses movimentos evolutivos, é certo que a população nacional accrescida transpondo de assalto as resistencias que se lhe oppuzer contra a ansia de produzir que a vem impedido, romperá, os diques em que se contiver e, talvez, em verdadeira anarchia logrará apoderar-se da situação, reduzindo-a a nucleos destroçados sujeitos á ganancia dos aventureiros, em ruinoso detrimento dos productores.

E' de esperar que taes successos não se darão, graças ás medidas preventivas a que acima me referi, e, por isso, os actuaes detentores das fabricas de assucar e alcool existentes, não devem hesitar em acompanhar e auxiliar os esforços do Instituto em sua organização. A limitação da producção, tal qual ora está em vigor, não é eterna e terá a mesma elasticidade que possui o engrandecimento do Brasil. "Sempre para a frente"! deve ser o nosso sentir diante de quanto tropeço se nos atravesse no caminho. Com tropeços ou sem tropeços, caminemos sempre.

Os embaraços que encontraos em nossa rude campanha devem ser tomados como sacrificios que devemos ao nosso paiz. São medidas de excepção que não podemos dispensar. A recompensa não tardará, ou melhor, já não está sendo proporcionada com a estabilidade de dos preços vigentes, resultados que não existiriam se não existisse o Instituto.

Imaginemos que dentro de poucos annos, possamos ver o alcool de nossas usinas dominado nos motores que ns dão a riqueza, e que, nessa verba, mais de 100 ou 200 mil contos de réis, de gasolina estejam sendo desviados de nossa tributação ao estrangeiro! Que alcance para o nosso paiz teria semelhante resultado?

No emtanto esse mesmo resultado não teria sido obtido se as penalidades applicadas aos seus transgressores não fossem tão pesadas. A limitação não existiria e á esta hora a superproducção estaria se preparando e á esta hora a superproducção estaria se preparando para esmagar os productores e arruinar o Brasil. Resurgiria a anarchia assucareira dos passados tempos e então, diante do insuccesso, estaria para sempre sepultada a prosperidade da mais antiga e mais querida de nossas grandes industrias.

Os que se rebelam contra o grande peso das penalidades; criadas pelo Instituto, só têm pena de uma pena — o transgressor; os outros, os que apoiam taes penalidades, esses, impedindo a acção dos transgressores, defendem e resguardam o interesse dos que não incorreram em culpa, quero dizer, os interesses da collectividade.

A limitação é uma medida fundamental no plano de defesa do assucar, mas é medida dura e antipathica, principalmente para os que não cultivam coisa nenhuma. Ihe applicarmos senão brandas penalidades, ninguém limitará sua producção e a defesa não existirá. Applicando-as porém, com rigor, somente 4 ou 6 usineiros (talvez nenhum) incorrerão nas penas impostas.

A quasi totalidade conquistará a prosperidade, embolsando os justos lucros resultantes do seu honesto proceder.

Falei ha pouco, no desapparecimento virtual da exportação, como consequencia da entrada do alcool motor em nossa circulação industrial. E' um ponto importante a estudar, porque não é impunemente que, das rendas — ouro de um paiz se opprime uma quantia, não pequena como essa representada pelo assucar que estamos exportando. Volverei, por isso, ao assumpto para tratar desse aspecto economico.

A substituição das sobras em assucar, de nossas safras, (em relação ao nosso consumo interno), pelo alcool absoluto destinado aos nossos motores, é uma operação que só lentamente se consegue realizar. As difficuldades de transporte são causa principal desse grave inconveniente.

Figuremos um exemplo: Vae se montar brevemente uma fabrica de alcool anydro em Nichteroy. Naturalmente escolheu-se esse local por ser o mais convenientemente. Campos será o seu melhor, quasi exclusivo fornecedor de materia prima. Pois bem, examine-se esses dois grandes centros destinados a se entenderem e far-se-ha uma idéa do grande capital a despender com o funcionamento normal do systema. O mesmo acontecerá com outras fabricas de alcool. Será necessario bastante tempo até que, por esse aspecto de um modo geral se resolva o problema. Durante tão longo prazo que é que se teria a fazer com as sobras internas do assucar? Naturalmente continuar a exportar-as perdendo, cada productor os 20 mil réis por sacca que hoje perde (admittindo ser a mesma de hoje a situação estatística mundial do assucar). Outros entenderiam ser preferivel abandonar uma parte dos canaviaes. Esta ultima solução impediria o Instituto de receber uma parte do ouro em que se deviam transformar, os canaviaes abandonados. O prejuizo seria talvez ainda maior. Parece que a solução preferivel deveria ser mesmo a da exportação das referidas sobras. Em troca dessa exportação receberiamos ouro, o que não aconteceria se fizéssemos uma operação puramente interna pois nella só appareceria moeda.

Por outro lado, a exportação importaria, como já vimos, em um prejuizo de 20 mil réis por sacca para os productores. E' evidente que estes não supportariam tão forte augmento de prejuizos e precisariam, para se teria um caminho: augmentar quanto necessario a actual manterem, receber quantia igual do Instituto, o qual só taxa de 3\$000 por sacca, dando a esse augmento o destino indicado.

Praticamente ter-se-hia de levantar no mercado, os preços do producto, alterando-se convenientemente o justo preço-preço ora em vigor. Esse accrescimento no preço, seria supportado sem sacrificio pela massa geral dos consumidores principalmente recebendo estes como correspondente em ouro, em troca de nossa exportação suplementar. Allias, se o governo recusar esse

caminho teria de buscar igual quantia em outro *imposto-curo* qualquer e sobre a mesma massa consumidora nacional.

Um outro factor de alta importancia teria de ser contemplado tambem tão intimamente, no conjunto, como se fóra um companheiro inseparavel dos demais elementos já admittidos no estudo do problema: é o *justo preço* para as transações.

Não existe defesa de um producto no mercado sem que previamente se fixe o preço que se tem em vista estabilizar. Se assim não se proceder, ficam por terra todos os esforços por falta de rumo e de objectivo; andariam ás tontas os operadores: o fracasso não tardaria. Mas que preço seria essa a se fixar? Seria um preço razoavelmente remunerador para os productores e sufficientemente accessivel aos consumidores. Qualquer desvio dos preços assim com esse cuidado escolhidos provocará dos interessados reclamações capazes de ir até a desordem e dar em terra com toda a organização. Para não se errar na escolha desse factor, seria necessario examinar a historia estatistica dos preços nos ultimos annos; proceder a um aprofundado estudo local; levando em conta o nivel reinante nos annos anteriores, o curso de produção, etc.

Com um preço bem acertado e uma caixa sufficientemente aparelhada de recursos para annullar as maobras dos mais especuladores, pode-se com certa habilidade manter durante bastante tempo um justo preço (não falando em pequenos desvios inevitaveis mas sem importancia). Consegue-se desse modo assegurar no mercado um ambiente de estabilidade que é o ideal buscado pelos commerciantes verdadeiramente honestos e recommendaveis.

Quando dizmos *justo preço*, tratando do assucar, é claro que nos referimos, na applicação, ao espaço de tempo que medeia de uma colheita á colheita seguinte; digamos 12 mezes. Encerrado esse periodo já se pode formar novas estatísticas, examinar o estado da safra pendente e fixar novo justo preço. Convem estar de olho vivo com a *super-produção*.

Tanto quanto possível convida tambem manobrar para que o justo-preço do producto de uma safra, pouso se afaste do do anno immediato. Assim podendo ser, os negocios correm com mais regularidade, facilitando o credito e inculcando coragem para novos aperfeiçoamentos na lavoura e na fabricação do producto.

Em vez de applicar o justo preço para base dos negocios, poder-se-hia lançar mão do *preço mínimo*, convido lembrar entretanto, que existe uma enorme prevenção contra essa expressão. É uma injustiça e prometti, quando houver oportunidade, fazer o estudo comparativo sobre o alcance desses dois poderosos agentes economicos; e mostrar os casos indicados para um e para outro.

Não quero encerrar este ligeiro estudo sem denun-

ciar um ultimo factor capaz de perturbar profundamente todo o plano de defesa do nosso grande producto, annullando os mais acertados esforços empregados na solução do grande problema. Quero referir-me á intervenção do cambio. Delle tratarei porém, de um modo geral, com applicação em todo o paiz.

## Resumo do plano traçado pelo Sr. Dr. Odilon Braga, Ministro da Agricultura, para a execução da Campanha contra a "Sauva".

A Sociedade Nacional de Agricultura, acompanhado de uma expressiva carta do Sr. Luiz A. de Azevedo Marques, Presidente da Commissão Executiva encarregada de orientar a Campanha Contra a "Sauva", recebeu o seguinte resumo do plano traçado pelo Sr. Ministro da Agricultura, que patrioticamente tomou essa proficua e necessaria iniciativa:

*Fevereiro e Março:* — Concurso para escolha de processos que sejam mais efficientes, economicos e praticos.

*Abril e Maio:* — Assignalamento dos formigueiros de modo a se poder demarcar a primeira zona a ser atacada com auxilio do Governo.

*Junho e Julho:*—Concentração de formicidas e machinas para o inicio do ataque e divulgação de ensinamentos praticos.

*Agosto e Setembro:* — Inicio do ataque, empregando-se, de preferencia, os processos que forem recommendados pelo Governo. Na epoca opportuna a apanha de "Içás" ou "Tanajuras", na qual todos se deverão empenhar, vivamente, por ser trabalho relativamente barato, facil e de extraordinaria eficiencia.

Para a orientação e execução desse plano o Exmo. Sr. Ministro encarregou uma Commissão composta dos senhores Aurino de Moraes, Octavio Brandão Caldas, Itagiba Barçante, Constantino do Valle Rego e Luiz A. de Azevedo Marques, que a preside.

Essa Commissão terá o maximo prazer em receber as suggestões que lhe queiram mandar os entendidos e experimentados no assumpto, assim como está ao inteiro dispor de todos os interessados para quaesquer informações a respeito do magno problema.

# O Financiamento da Citricultura

Na primeira sessão para tratar da exportação das nossas frutas, realizada na Sociedade Nacional de Agricultura, o Sr. Mendes de Almeida, representante do Banco Portuguez do Brasil, apresentou as seguintes considerações:

"Após a clara exposição feita pelo Dr. Arthur Torres Filho dos objectivos desta reunião, parecerá superfluo insistir nas vantagens que advirão para o commercio de fructas brasileiras, de uma perfeita racionalização deste ramo da nossa actividade economica.

Entretanto, mister se torna salientar a necessidade urgente que ha para o futuro da exportação de fructas brasileiras que productores, exportadores e interessados neste ramo da nossa vida economica congreguem os seus esforços para dessa união poderem auferir todo o maximo de vantagens e sobretudo para defender esse commercio da crise inevitavel que o espera se o abandonarmos á simples iniciativa particular ou á simples especulação passageira sobre a alta ou baixa dos productos.

Os factos que me parecem mais graves em toda a historia do commercio exportador dos productos brasileiros, desde a do café, a dos productos industriaes são a falta de previsão no futuro e a ausencia absoluta de organismos centralizadores especializados para cada ramo de commercio ou de industria, organismos independentes o mais possivel dos entraves do officialismo, mas nem por isso alheios ás preocupações economicas do nosso meio administrativo, naquillo em que devem obedecer aos principios da politica financeira do paiz.

Estes organismos existem em todos os grandes centros commerciaes, industriaes e productores do mundo inteiro e cooperam de modo efficiente, salutar e, hoje em dia, diremos, indispensavel, não só para a defesa geral dos interessados como para a defesa collectiva da communhão, ora sob o aspecto de cooperativas, ora sob o de syndicatos, ora sob o de agremiações de estudos.

A função essencial destas organizações é reunir o maximo de elementos capazes de permitir aos interessados o conhecimento profundo de todos os dados tecnicos, referentes a cada negocio, defender-lhes os interesses, defendendo o producto contra a especulação e em favor, ao mesmo tempo, o que pode parecer paradoxal, do producer e do consumidor.

Desde que tenhamos comprehendido essas necessidade poderemos estar certos de que resolveremos, já não digo a totalidade das nossas dificuldades actuaes, o que seria absurdo, mas pelo menos teremos resolvido 50% dos problemas agudos e teremos augmentado de 70% as propabilidades de exito para cada caso especial.

Parece-me, portanto, que é dever de cada um de nós trabalhar para o successo commum porque assim fazendo trabalharemos igualmente para a defesa dos interesses particulares de cada um e para o interesse geral do paiz.

Não nos enganamos sobre a intima ligação existente, hoje em dia, sobre o bem estar geral da communhão e o bem estar particular de cada um dos membros componentes da collectividade. Desde que o Estado, que é a entidade juridica representativa da communhão, vá mal, mais cedo ou mais tarde, esse mal-estar se repercutirá fatalmente sobre os seus jurisdicionados. Não se pode exigir do Estado sacrificios continuos, intervenções custosas e diarias sobre os negocios dos particulares se estes não cooperarem para o bom andamento das finanças e da economia geral.

O grande erro moderno está justamente na falsa comprehensão do papel do Estado em relação aos negocios dos particulares. Exige-se do Estado uma intervenção continua em todos os problemas da vida da collectividade e nenhum dos membros dessas collectividade reflete que cada intervenção official exige um sacrificio do particular, quer directa, quer indirectamente, e que se traduz, quasi sempre, por um gravame do producto, quer sob a forma de impostos, ou de taxas, quer sob a forma de uma menor liberdade de acção, o que reduz sensivelmente o beneficio da iniciativa particular.

Ora, meus senhores, o projecto actual do Sr. Friedman, que o Banco Portuguez do Brasil se propoz a realizar com a cooperação directa e immediata de todos os interessados e que o Conselho Federal do Commercio Exterior, logo, o nosso Governo, julgou do mais alto interesse para a nossa politica economica, evita justamente o exaggero de uma intervenção acaparadora, limita-se aos seus devidos termos e deixa á iniciativa particular a porta aberta a todas as mais promissoras probabilidades.

Eu que conheço este projecto desde o momento em

Francisco  
Giffoni & Cia.

CREANÇAS ANEMICAS LYMPHATICAS RACHITICAS  
**JUGLANDINO**  
SABOROSO KAROPE 1000-PHOSPHO-CALCICO

1º de Março, 17  
Rio de Janeiro

que foi elle pela primeira vez levado ao conhecimento das nossas autoridades em 1932 e que acompanhei com o maximo empenho todos os estudos preliminares para sua confecção, tenho hoje prazer de poder publicamente tambem cooperar para a sua realização. E é assim que não hesito em affirmar que com o actual projecto a visão do futuro é a mais auspiciosa, porquanto se o tornarmos uma realidade, o que não é difficil, teremos resolvido os tres grandes problemas do commercio de fructas:

- 1.º) — O dos transportes rapidos, e tecnicamente apropriados ao genero perecível a que se destinam;
- 2.º) — O da conservação da mercadoria em perfeito estado nos portos a que chegarem (os frigorificos);
- 3.º) — O da distribuição racional, das fructas pelos differentes centros consumidores, ou, o que equi vale a dizer, a sua venda certa e segura sem a surpresas da especulação a que está sujeita com o systema actual dos leilões forçados nos caes de desembarque.

Sobre cada uma destas tres partes essenciaes do problema geral poderiamos desenvolver uma serie de considerações, dados os multiplos corollarios inherentes a cada um delles.

Evitemos, porém, as particularidades que cada um de nós conhece perfeitamente e encaremos a questão sob o seu aspecto geral.

Ponhamos de lado a questão bancaria propriamente dita porque quando nos referimos aqui a Departamento de Fructas ou a Banco de Fructas, não se trata, como vimos, unicamente de uma especialidade bancaria sob o seu aspecto exclusivamente tecnico-financeiro, tal qual se comprehende no Brasil a instituição financeira do "Banco" mas sim de banco desdabrado em um organismo centralizador de esforços.

Examinemos, porém, cada uma das tres principaes questões que esse organismo poderá resolver.

Não se poderá negar que o ideal para o commercio de fructas e para a economia nacional brasileira, seria a construção de uma frota nacional, com vapores adequados especialmente construidos para o transporte de fructas, como possui, por exemplo a United Fruits C., a Jamaica Banaas Production Association, a Fruits Exxpres C., etc.

A vantagem e a utilidade para o Brasil de uma tal frota para transportar, em seus proprios vapores, a sua produção é innegavel. Isso permitiria diminuir consideravelmente o preço dos fretes e permitiria tambem a economia nacional diminuir as suas necessidades de cambias. As despesas de transportes seriam menores, porque não obstante a crise do frete, este, para as fructas, ainda está altissimo.

E' necessario tambem que o numero de vapores a construir esteja em relação com a quantidade das fructas a exportar, de modo a que as unidades possam

sempre navegar com o seu carregamento completo.

Isso pode parecer um sonho, mas um organismo tal qual o pretendemos, pode começar o estudo desta questão, pode iniciar, em seguida, as negociações com os estaleiros constructores especializados na materia, e, ao mesmo tempo, verificar a reacção dos nossos meios officiaes sobre este magno problema de criação da frota nacional brasileira para o transporte das fructas, reacção que se manifesta desde já das mais favoraveis para a realização deste programma.

Sobre este magno problema é preciso que se saiba que os organizadores do actual programma não descuidaram o assumpto e antes mesmo de apresentalo ao nosso estudo sondaram, na Europa, diversos estaleiros, belgas, hollandezes, dinamarquezes, suecos, noruegueses e italianos e desta sondagem resultaram certas precisões favoraveis a questão.

Quando aprofundarmos o estudo particular deste ponto verificaremos, com surpresa, que o Brasil não precisará desembolsar vultosos capitales para a construção desta frota, desde que as nossas autoridades competentes apoiem este plano e se colloquem sob o ponto de vista estrito da economia nacional.

Ora, com o concurso de todos os interessados, este sonho se tornará uma realidade e productires e exportadores se tornarão assim proprietarios dos seus proprios meios de transportes e senhores absolutos do regimen dos fretes, por isso que senhores absolutos dos seus navios que poderão fazer navegar como melhor lhe approuver e dirigilê para onde melhor lhes convenha.

Creio que não precisa insistir nesta vantagem. O nosso paiz não fornece sequer 5% do consumo europeu de fructas. Ha para elle, portanto, vasto logar a occupar, sobretudo que gozamos da vantagem enorme de ser ainda um productor que chega na sua hora propicia, isto é, que offerece quando o consumidor não produz.

A ausencia de frigorificos, quer nos portos de embarque quer, sobretudo, naquelles de desembarque, constitue outra seria difficuldade para o nosso commercio de fructas.

Os serviços technicos do organismo que se projecta estudarão tambem este lado do problema e poderão e-laborar os projectos para o estabelecimento destes frigorificos. Nada impede de recorrer ao auxilio prestigioso do governo que não deixará de apoiar esta idéia sendo elle como é, moralmente responsavel em relação aos fructicultores que não heitaram em intensificar as suas plantações sob o impulso e quasi, por assim dizer, chedecendo á injunção do proprio Governo.

As concessões necessarias para o estabelecimento destes frigorificos e o capital indispensavel serão tanto mais facilmente conseguidos quando se souber que a frente desta iniciativa se encontrará um organismo como o Banco de Fructas, cuja criação foi saudada pelos meios officiaes brasileiros devido ao seu pro-

gramma que attenua, pelas funções uteis que terá de exercer, as suas responsabilidades.

O Banco de Fructas ou o Departamento de Fructas constituirá o meio eminentemente efficaz para encontrar os capitaes necessarios ás differentes emprezas de utilidade publica, que, na occorrencias, serão estes frigorificos.

Não é nem será difficil a esse organismo interessar tambem os importadores e os consignatarios das fructas brasileiras no estrangeiro, em seu proprio interesse, na construcção dos frigorificos nos portos estrangeiros.

As municipalidades daquelles portos, verificando que iniciativa parte de um organismo serio, especializado e bem apoiado pelos proprios fructicultores, e exportadores, não hesitarão tambem a dar as facilidades possiveis para a realizacão deste programma e para o alcance do fim desejado.

As autoridades municipaes dos portos de Antuerpia e de Trieste, por exemplo, que já foram muito superficialmente ouvidas sobre esta materia, poderão ser as primeiras a serem consultadas pelo nosso organo organismo, dado o interesse que mostraram pelo desenvolvimento deste commercio especial.

Como complemento desta acção geral o Departamento de Fructas não esquecerá outro ponto nevralgico do problema qual é o da distribuição da mercadoria nos differentes mercados consumidores e que ainda ignoram, praticamente, a existencia das fructas brasileiras.

Uma das condições primordiales para que os esforços dos productores e dos exportadores brasileiros sejam recompensados e coroados de successo é que a mercadoria ao chegar na Europa tenha a sua collocacão garantida. Para isso se torna mister organizar a distribuição e a collocacão das fructas nos differentes centros consumidores e evitar, assim, as surpresas provenientes das vendas fritas sobre o caes.

Isso só se pode evitar organizando cuidadosamente a distribuição e a collocacão do producto, trabalho que deverá ser igualmente auxiliado por uma grande propaganda feita com a maxima attenção e apropriada não só ao genero do commercio de que tratamos mas, sobretudo, á psychologia de cada um dos grandes centros consumidores. Essa propaganda é e será um dos maiores factores do successo e della forçoso nos será cuidar com o maximo empenho e a mais technica das attenções.

Não é difficil ao Departamento ou ao Banco de Fructas organizar uma Federaçao Europea de distribuidores de fructas brasileiras. Dest'arte, o productor e o exportador sabem de antemão que a mercadoria, ao ser embarcada aqui, já está collocada e os riscos commerciaes das operações se tornarão, assim, tão insignificantes que poderão ser considerados como inexistentes.

Para lavar avante este minimo de programma é preciso a cooperacão effectiva de todos os interessados.

Exxpstos assim, de um modo geral, o programma de acção de organismo tecnico-profissional que se tenta crear é preciso agir rapidamente para que os nossos esforços não se tornem nullos.

Noto nesta assistencia, o Dr. Marcello Piza, Director da Sociedade Rural Brasileira, de S. Paulo. Seria, portanto, assás interessante e do mais proficuo resultado conhecer o que a respeito deste projecto nos poderá dizer a voz de S. Paulo. A presenca do Dr. Marcello Piza, prova o interesse deste grande paulista por este magno problema que tentamos resolver.

Presente tambem se encontra o Snr. Braggard, representante do Banco Portuguez do Brasil, o qual lhes dirá o que pensa do projecto, o Baco, e quaes os esforços a que está disposto para levar a bom termo esta ardua mas proveitosa tarefa.

# ALVES FRAGA & CIA

FABICANTES DE VASILHAMES PARA CONDUCCÃO DE LEITE

Especialistas em artigos para Lavoura, Criação e Lactínicos. - Desnatadeiras, Salgadeiras, Batedeiras, Coalhos, Correias, Grampos, Oleos, Carrapaticidas. Vaccinas e soros para tratamento dos animaes.

RUA FREI CANECA, 72 e 87

Telephone 22-9458

RIO DE JANEIRO

C. Postal 832

# Os meios chimicos para a conservação das nossas frutas de exportação

A Sociedade Nacional de Agricultura, que sempre se tem interessado vivamente por tudo que se relaciona com as nossas frutas, quer por novos mercados, quer, e principalmente, pelo seu transporte, que é a sua melhor garantia, assim como pela sua cultura, incentivando, agora, a campanha pelo transporte do abacaxi, além da competente palavra do Sr. Virgínio Campello, tem recebido collaboração de todas as partes. O Representante da firma Wilhelm J. H. Hinrichs, de Hamburgo e Londres acaba de lhe enviar os seguintes estudos:

"Os meios chimicos de conservação, taes como acido borico, bensoe, acido salicilico, formaldeido, fluor, etc. de um lado, tem a desvantagem de prejudicar muitas vezes a saude humana, e do outro lado a de prejudicar o gosto da mercadoria.

Além disto os meios chimicos da conservação tem a propriedade de destruir a vida organica dos productos naturaes, terminando o processo organico vital das frutas ou dos ovos.

Os processos physicos, taes como a defumação, a frigorificação ou processo ultimamente experimentado pelo dióxido de carbono não podem ser comparados com o processo SK, em virtude de serem limitados a determinadas mercadorias ou climas, ou serem como o processo de frigorificação, serem de custeio e installações muito caras, encarecendo o preço da mercadoria de forma a tornar impossível um trabalho economico, mormente numa epoca como a actual onde os preços baixos de quasi todas as mercadorias no mercado mundial exigem que o factor despeza a seja tão baixo quanto possível.

O processo SK não se resente de nenhum destes defeitos. Elle nem é caro nem prejudicial á saude. Elle conserva o aroma natural e mantém o processo organico de vida dos productos naturaes. Não é ligado a um clima determinado. O seu emprego estende-se por exemplo a frutas, legumes, ovos, queijos, salsichas, peixe, etc., assim como a material de embalagem que tem por fim conservar a unidade especifica respectiva, o aroma próprio da mercadoria. Além de maçã e peras, as frutas do genero citrus (limões, laranjas, pomelos) Bananas abacaxis, melões, etc., se mostraram perfeitamente próprias para o tratamento com SK; além disto firmam tratados com muita eficiencia legumes, taes como espargos, pepínos, e tomates.

Todas as frutas sujeitas a estrago de dentro para fóra, não se prestam grandemente ao tratamento pelo SK, entretanto peçegos, frescos, abricó e figos podem

ser tratados para obter uma durabilidade de 15 dias no mínimo, além do tempo da viagem.

Foram realizados embarques experimentaes com fructas sensiveis taes como bananas, abacaxis, pomelos, e mesmo mangas e abacates que até hoje não puderam ser exportados.

O processo SK patenteado da ALLEMANHA e em quasi todos os países e consiste em mergulhar o objecto a ser conservado em um banho de SK cobrindo-o assim com um liquido que secca rapidamente, formando uma pelicula fina e transparente, que não tem cheiro nem gosto e que não ataca nem penetra no objecto tratado. SK é um liquido raro com um cheiro caracteristico de amonea, de facil volatização, que desaparece completamente após a seccagem.

## A CONSERVAÇÃO DE FRUCTAS

Se bem que fructas de caroço taes como: ameixas, abricós, peçegos, etc., em virtude da podridão começar em volta do caroço, serem de mais difficil tratamento, podem ser obtidos todavia bons resultados. Todas as outras fructo foram tratadas com os melhores resultados.

As fructas são mergulhadas rapidamente em um banho de SK e seguidamente seccas. Se bem que o processo natural de seccagem é muito rapido elle pode ser encurtado todavia pela installação de ventiladores.

O resultado da conservação que se distinguem pelo fato de ficar conservada a vida da fructa, não soffre absolutamente se no lugar onde a fructa ficou deitada se formou uma pequena falha. Pequenas rachas na pelicula são sem importancia, porem é natural que o serviço deve ser feito com muito cuidado.

Da natureza especifica das fructas tratadas resulta a durabilidade do effeito de conservação. As fructas do genero citrus prestam-se excellentemente, porem tambem bananas, que são muito sensiveis foram embarcadas com magnifico successo em porão commum de navio para a Europa, conservando-se ainda por bastante tempo (duas a tres semanas) em armazem commum.

A differença mais importante entre o actual embarque em frigorifico e o embarque em porão commum de fructas tratadas pelo SK consiste no seguinte: As fructas amadurecidas debaixo de alta temperatura são, no caso de embarque em frigorifico, submettidos repentinamente a uma temperatura baixa, durante semanas seguidas, temperatura esta que mata a vida nas fructas ou pelo menos suspende quasi por completo qualquer maturação posterior. Na maioria dos casos as fructas

tropicæ embarcadas em frigoríficos chegam na Europa no período do verão, ficando, assim, sujeitas a nova mudança de temperatura e por consequente ao estrago rápido.

As condições no caso do emprego de SK são muito diferentes.

A película de SK deixa às fructas a respiração necessária, ficando, assim, a maturação posterior em porão commum de navio retardada, porém de forma alguma impedida. De resto, as fructas não são expostas a diferenças grandes de temperatura uma vez que provindo de climas tropicæ elles podem durante a viagem acostumar-se à temperatura europeia.

Esta circumstancia tem por effeito que as fructas após a sua chegada demonstram uma bem maior durabilidade e capacidade de armazenamento, possuindo em contraste com as fructas embarcadas em frigoríficos um aroma e um sabor que somente é proprio das fructas amadurecidas completamente em climas tropicæ.

Se de um lado é vantagem do embarcador economizar o frete alto do frigorífico, é do outro lado a vantagem do importador armazenar a mercadoria sem difficuldade e finalmente o revendedor (varejista) não estar exposto ao perigo de rápido estrago em virtude de mudança de temperatura como muitas vezes acontece especialmente com bananas.

Para o tratamento com SK as fructas são colhidas antes do seu completo amadurecimento, isto é, no mesmo estado em que são colhidas para o embarque em frigorífico.

Abstracção feita da protecção higienica altamente importante contra bacterias, contra possibilidade de sujar as fructas durante as multiplas manipulações do caminho do productor até o consumidor, contra destruição por insectos ou transmissão de bacillos por insectos, etc., o aspecto das fructas é vantajosamente melhorado pela película de SK, que augmenta o brilho e a cor natural da fructa.

As despesas para tratamento para SK são pequenas e são largamente compensadas pelo menor frete, pela menor porcentagem de prejuizo e pela maior conservação da fructa.

Corroborando com a communicacão acima, o Sr. Georg-Wilhelm Muus, representante da firma referida, exhibe um extracto de uma carta das Usinas Skino-phan e traducção do Protocollo assignado em Hamburgo em 6 de Março de 1935.

Ellos :  
"De resto posso dar os parabens. — Tendo entrado hontem o vapor "Monte Olivia", fui chamado pelo Sr. Schleu (Secretario do Consul Geral do Brasil), que acabava de estar a bordo, pedindo-me intervir junto a Companhia de Vapores para que as caixas fossem entregues hoje pela manhã no Consulado Geral do Brasil. Hoje de manhã recebi informações nesse sentido e comparei seguidamente um encontro com o Sr. Consul Ge-

ral, para as 13 horas. Como já tinha sido informado pelo Sr. Schleu de que a caixa não tratada embarcada em ambiente fresco, se apresentava bastante humida, ao passo que a caixa tratada apresentava aspecto normal pedi tambem a presença do Sr. Behrens, da firma Graf & Cia. e de mais um conhecido nosso, Sr. Heckscher. — Como sempre o Sr. Consul Geral do Brasil era extremamente amavel, e logo ao abrir, mandou protocolar os resultados. — Como elle estava acompanhado de um assistente consular recentemente chegado, conhecedor profundo de abacaxis, o exame deste embarque era essencialmente interessante e foi embelezado ainda pelo facto da Senhora do Sr. Consul ter apparecido igualmente.

Com relação ao resultado :

1) — caixa n.º 6 — do paiol de verduras, com 14.º C.

5 abacaxis completamente estragados, verdadeiramente liquefeitos, sobrando apenas as corôas.

7 fructas boas e perfeitas, porém de cheiro de podridão (pelo facto de se acharem na mesma caixa) e improprias para venda.

2) — caixa n.º 5 — com sarrafos verdes de reforço — do porão commum, sem redução de temperatura.

1 fructa completamente estragada, como acima; 2 fructas ligeiramente estragadas do lado onde se achava a outra estragada, porém as demais boas e comestiveis.

9 fructas em condições magnificas.

Apezar do pequeno estrago — total aliás, em uma fructa — todas as fructas boas e de magnifico aroma.

A julgar pelo exame externo, pôde-se concluir, que o estrago parcial em uma caixa trata da com Skino-phan não influe sobre as outras fructas, em virtude da camada protectora de SK, ao passo que o estrago em uma caixa não tratada traz consequencias desastrosas.

Agora a prova de gosto : O Consul Geral descaçou pessoalmente alguns abacaxis e distribuiu as fatias aos cavalheiros presentes. O sabor tanto da fruta não tratada como das tratadas era simplesmente delicioso, podendo-se verificar entretanto, que o das frutas tratadas era superior das não tratadas. — Nesse sentido foi assentado um protocolo, que deve ser apresentado aos presentes para assignatura. — O Sr. Consul Geral fará um relatório especial que será remetido para o Ministerio do Exterior do Rio.

O Sr. Consul Geral escolheu ainda alguns abacaxis, tratados e não tratados, que elle apresentará hoje ou amanhã ao Addido Commercial da Legação de Berlim.

O sabor das fructas é magnifico, ellas são tenras e cheias de succo. Ao meu entender, ellas são superiores aos abacaxis de Sto. Domingo, Haiti e do Mexico".

O PROTOCOLLO ACIMA REFERIDO :

"Protocollo relativo a 4 caixas G. & C 1/4, contendo abacaxis tratados com SKINOPHAN em 15 de Fevereiro de 1935 pelo "Georg-Wilhelm Muus e embarcados em 16 de Fevereiro de 1935 pelo vapor Cap. Arcona pela Directoria de Fructicultura da Directoria Geral de Agricultura, para Hamburgo.

A mercadoria foi embarcada em porão de carga com mun. As caixas chegaram em Hamburgo em 2 de Março de 1935. Foram descarregadas para alvarengas em 4 de Maio a.c. e transportadas seguidamente para o Armazem 46 (Temperatura externa ca. — 3° C) no dia 5 de Março a.c. as caixas foram transportadas para os escriptorios da firma Graf & Cia.

Hamburg-Freihafen, St. Annenufer 6/7.

Os engradados foram desembarcados em excellentes condições.

Caixa n.º 1 — Conteúdo 7 frutas. Todas perfeitas, tratadas sem pedunculo. — Lado esquerdo: 4 fructas quasi maduras, principiando a ter a cor avermelhada amarella. — Lado direito: 1 fruta verde e outra principiando a ter a cor avermelhada-amarella.

Caixa n.º 2: conteúdo, 10 frutas. — Todas perfeitas, tratadas sem pedunculo. Lado esquerdo: 3 frutas principiam amarellar, 2 ainda tem pontas verde escuras, com inicio de amarellar.

Lado direito: todas as frutas são verdes, sendo 2 verde-escuras e 3 verde-claras. As pontas começam amarellar.

Na chegada, os lugares dos pedunculos mostram formação de fungo e ligeira podridão. As frutas estão sendo observadas á medida que madurecem.

Caixa n.º 3 — Conteúdo, 10 frutas. Todas perfeitas, tratadas com pedunculos. Lado esquerdo, 2 frutas de cor avermelhada-amarella e 3 frutas verdes— encima, e avermelhadas amarellas em baixo.

Lado direito: Todas as 5 frutas verdes.

Caixa n.º 4. Conteúdo, 10 frutas. Sendo 9 perfeitas, 1 estragada.

Lado esquerdo, 5 frutas de fina estrutura, cor amarella, corôa pequena, bastante maduras.

Lado direito 4 frutas de estrutura grossa, cor amarella, bastante corôa, bastante maduras.

1 fruta estragada.

Consideramos lado esquerdo o lado das caixas, nas quaes, visto de cima a etiqueta do Ministerio se achava do lado esquerdo.

Hamburgo, em 6 de Março de 1935.

Assignados: — Karl Behrens e Paul Lundin, da firma Graf & Comp.; Mario de St. Brisson, Consul dos Estados Unidos do Brasil; Wilhelm J. H. Hintichs; Max Schleu, Secretario do Consul Geral; Otto Heckscher; Josef Perugia; Rudolph Wickmann; W. Liebelt & Cia.

## O percevejo do arroz

Com o valiosissimo concurso do corpo de agronomos e zootecnicos do governo do Estado, que estudaram e observaram a vida e o desenvolvimentoda mormidea ou percevejo do arroz., verificou-se que esse desôva durante a noite, em enchames de 3 a 6.000 exemplares.

Em face dessa constatação, torna-se facil um combate eficaz., que redunde no exterminio completo da praga, desde que executem as medidas adequadas, com o rigor e a presteza que os novos conhecimentos aconselham.

Damos, a seguir, as instruções que devem ser obedecidas fielmente:

Durante o dia, localizam-se os reductos dos percevejos, e, pelas 17 horas, isto é ao cair do dia, observam-se, em tais redutos, os pontos para onde convergem os insectos, que vão desovar, marcando-os com balizas. A noite, depois das 22 horas, encontram-se infalivelmente, nos pontos assinalados, enchames de percevejos, concentrados nos troncos de arroz, nos pontos assinalados, no capim e noutros logares, logo acima da flôr da agua, onde facilmente pôdem ser queimados.

Para este fim, prepara-se um facho, numa vara de tres metros de comprimento, em cuja extremidade enrola-se estopa embebida em oleo usado e gazolina. Essa tocha ardente será encostada, de longe, conforme o comprimento da vara, ao enchame. Em seguida, despeja-se, com uma caneca ou qualquer vasilha, gazolina no ponto em que ainda restem alguns insectos vivos, não atingidos pelas chamas do facho.

Isso feito, devem ser cortados todos os pés de arroz, em que se achem pegadas as fileiras de ovos, indo queimá-lo fóra da lavoura.

No municipio de Guaíba foram obtidos os melhores resultados com esse novo processo de combater o terrivel insecto, revelando-se este o unico capaz de salvar as lavouras de arroz em espigação.

A praga alastrou-se progressivamente em quasi todas as zonas de producção do Estado e, por isso, todo o plantador deve manter a maxima vigilancia, com o fim de evitar a sua propagação e atenuar os prejuizos dela decorrentes.

(Circular do Sindicato Arrozeiro do Rio G. do Sul)

FRANCISCO  
GIFFONI & CIA.

AS CRIANÇAS DE PEITO CUJAS MÃES OU AMAS  
SE TONIFICAM COM O  
**VINHO BIOGENICO**  
FICAM BELLAS E ROBUSTAS

Rua 1.º de Março, 17  
Rio de Janeiro

# As Semanas da Sociedade Nacional de Agricultura

Sessão de 4-4-35

Com a presença de numerosos consócios, directores, exportadores de fructas e fructicultores, inclusive os Presidentes da Cooperativa de Fructicultores de Campo Grande e da Associação de Fructicultores de Nova Iguaçu, do representante dos Exportadores de Fructas do Districto Federal, foram abertos os trabalhos pelo Sr. Arthur Torres Filho, que os presidiu.

Dispensada a leitura do expediente, pela importancia dos assumptos a tratar, explica o Sr. Torres Filho que a sessão tem, entre outros objectivos, o principal de debater a questão da fructicultura nacional. Na ultima reunião do Conselho Federal do Commercio Exterior, de que participou como representante da Sociedade, e, pois, da agricultura, pediu a attenção daquelle instituto para um aspecto de grande importancia, relativamente ao incremento da nossa exportação de laranjas — o respectivo financiamento. E' o credito agricola no paiz uma das questões mais debatidas e, mesmo na Republica, todos os governos o prometteram, sendo até expedidos os decretos e feitas as nomeações para as organizações projectadas, mas circumstancias imprevistas sempre impediram a concretização desse grande ideal e dessa indiscutivel necessidade para o nosso incremento economicó. Tem, entretanto, pesado sobre a lavoura grandes encargos em materia financeira, visando o seu amparo, como é o caso dos empréstimos externos para assegurar a situação do café, o que, entretanto, representa o credito agricola tão almejado, porque este se caracteriza justamente pelo facto de ser dado ao agricultor directamente, feito no conhecimento da sua honrabilidade pessoal, na sua capacidade de trabalho, como na França, com as suas caixas rurais, cuja função é muito auxiliada pelos technicos tendo-se em vista as regiões agricolas, para uma perfeita applicação das varias modalidades de credito.

Relativamente á laranja, hoje um dos nossos mais importantes productos de exportação, pois occupa, na lista geral das nossas remessas para o interior o quinto lugar, nada tem ella obtido dos governos, até aqui. O que existe é trabalho do agricultor, auxiliado pelo exportador e amparado pelo capital inglez. E', entretanto, necessario facilitar um maior impulso á nosas exportações, que renderam na ultima safra £ 563.955. E esse augmento é possível, tendo-se em vista que o consumo da laranja augmenta cada dia nos mercados europeus, e, ainda, os resultados da missão Souza Costa, segundo os quaes não haverá restricções das nosas exportações para a Grã-Bretanha que é o nosso maior mercado de laranjas. Convem não esquecer que nos sobram

possibilidades enormes nesse caso, pois dispomos de muitas terras, mão de obra barata, com as plantações collocadas quasi dentro dos portos exportadores. Poucos poderão competir connosco.

Ha, desde logo, medidas que precisam ser adoptadas para facilitar a exportação e, dentre ellas, segundo opinião geral dos plantadores e exportadores, é a que se refere á adopção, pela Carteira Cambial do Banco do Brasil, de uma taxa fixa por caixa, afim de que seja facilitado o serviço de embarque, por isso que, na situação actual, o exportador não sabe, ao certo, qual a importancia a dispendir, no serviço da exigencia legal dos 35% do cambio, consubstanciado no acto de 11 de Fevereiro. — Ouvidos muitos exportadores, estes concordaram em que, se fosse cobrado pelo Banco do Brasil 1 schilling por caixa, opinião essa que é tambem de S. Paulo, não seria pouco, pois, tomando-se por base a exportação anterior, de 563.000 libras, essa taxa deixaria retida na Carteira Cambial cerca de £ 150.000. Pessoalmente, já fez sentir essa necessidade ao Director da Carteira Cambial, mas é necessario um pronunciamento geral dos proprios interessados, e de modo directo.

O Sr. Ronaldo Guimarães, representante da Associação dos Exportadores de Fructas do Districto Federal, informa que ha mezes a Sociedade Citricola de São Paulo, com os exportadores daqui, pleiteou uma medida de excepção para melhorar a situação dos exportadores de laranjas, dentro da taxa dos 35%. Os exportadores allegavam, entre outras razões, a de terem effectuado as suas compras numa base de 74\$ a 75\$ a libra, e a medida adoptada, desde logo, fez baixar essa taxa para 68\$000. O Governo, diz, apregôa a protecção á citricultura e, se exija 35% de cambio indistinctamente para todos os productos, devia reduzir, para estar coherente, para 15 ou 20% aquella obrigação, em relação aos fructicultores. Essa taxa, aliás, deveria ser fixa, para serem evitados todos os prejuizos e as difficuldades que communmente encontram na Carteira Cambial, para resolverem as suas exportações, justamente porque essa base, como está, é oscilante. Fazia, nesse sentido, um appello, para que, como incentivo á fructicultura, baixasse o Governo aquella exigencia, como disse, para 15 ou 20%, permitindo as entregas com 1 schilling por caixa. Sabe que em São Paulo se cogita do assumpto, e que a Directoria de Fiscalisação Cambial teria suggerido a taxa de 1 1/2 schilling, mas estão aguardando a solução definitiva.

O Sr. Sebastião de Mattos, Presidente da Cooperativa e da Associação dos Fructicultores de Iguaçu, declara que, quanto á questão cambial, está de accordo em

que, não podendo ser menos, que seja 1 schilling por caixa. A medida viria trazer grande vantagem ao commercio exportador. Congratula-se com a Sociedade pela defesa que tomou, da citricultura, pela palavra autorizada do seu presidente, no Conselho Federal do Commercio Exterior, mormente na ultima sugstão, relativa ao respectivo financiamento. Na ultima sessão da Sociedade, que tratou do assumpto, falou-se na necessidade do credito agricola. A Associação de Iguassú, solidaria com esse pensamento, vem trazer o seu inteiro apoio. A proposito, lê o seguinte telegramma endereçado ao Presidente daquelle Conselho: "Associação Fructicultores Iguassú ha muito vem encarecendo necessidade credito agrario. Fructicultura e sua exportação tributaria credito estrangeiro tem imperiosa necessidade instituição financiamento nacional por isso proposta illustre Dr. Torres Filho ultima sessão Conselho merece urgente solução porque bem fixou principal arte problema fructicultura paiz. Seria mais importante serviço riqueza nacional que se deverá acção Conselho Federal boa hora instituido. Aproveito oportunidade, etc. A) Sebastião Vieira de Mattos, Presidente".

Após a leitura, esclarece SS. que não nos tem trazido nenhum mal o financiamento estrangeiro, havendo apenas o inconveniente de ficar "amarrado" o exportador a firma que o ajudou a fazer a sua exportação. E como não seria honesto, encontrando melhor negocio, fazel-o com outra firma que não essa, segue-se que o exportador ficou prejudicado e, com elle, a economia nacional. Com o financiamento nacional, não se daria tal situação, porque o exportador ficaria com liberdade para encaminhar, a quem muito bem quizesse, o seu producto. E' de grande alcance para a citricultura um systema de credito a prazo longo e a juros modicos. O Sr. Ary Parreiras, no Estado do Rio, beneficiou a industria do assucar com essa medida, por intermedio do Banco do Brasil, e com elle chegou a conversar a respeito quanto a identica medida beneficiando a citricultura. Mas nada foi resolvido. Terminando, diz o Sr. Sebastião de Mattos, que o assucar, o café, o cacão tem o seu instituto. A citricultura não quer um instituto, mas, apenas, o credito de que necessita para viver e desenvolver-se.

O Sr. Torres Filho agradece e diz, que na sua proposta ao Conselho aventou duas modalidades de credito: — 1) emprestimos a longo prazo; (cinco annos) com garantia hypothecaria de primeiro grão sobre terras proprias e suas benfeitorias, para desenvolvimento da cultura do respectivo terreno, etc.; — 2) — emprestimos a prazo medio (um e meio a dous annos) com garantia de fructo pendente (penhor agricola) para custeio, desinfeccão, adubação e auxilios á protecção da safra, mediante amortizações mensaes.

A questão da garantia não é assumpto de desprezar em materia de credito. E qual a melhor garantia para um emprestimo do que a terra? Ha, além disso, a considerar que o Ministerio da Agricultura dispõe hoje do Serviço de Fructicultura e da Directoria da Organizaçã e Defesa da Produccão, que poderiam, uma incum-

bir-se da peritagem, e outra, da cadastragem das propriedades ruraes, fornecendo, assim, um elemento decisivo para informação dos pedidos de emprestimos que fossem feitos, e que dependeriam dos seus pareceres, nas respectivas esferas de acção.

O Sr. Sebastião de Mattos informa que o lavrador e por si só honesto e, dentre os numerosos financiamentos que tem feito por intermedio da Cooperativa de Iguassú, ainda não foi verificado um prejuizo de um só real.

O Sr. Torres Filho entende que seria isso um começo de credito agricola, até porque o Banco do Brasil, nas suas agencias do interior, operando commercialmente, não tem tido prejuizo com a agricultura. Ha uma prevençã contra o credito á lavoura, mas a garantia que ella dá é boa, e a terra. Ha uma lei, a de N. 24.534, de 3 de Julho de 1934, mandando conceder no Banco do Brasil os descontos aos titulos emitidos por agricultores. Entende que a agricultura, que contribue para a nossa economia com uma produccão de cerca de nove milhões de contos, pedindo a instituição dos descontos no Banco do Brasil, não pede muito, já que ainda não lhe foi dado o credito agricola. E' ella, ademais, a columna mestra da nossa situação economica internacional, pois 96% da nossa exportação é de productos agricolas.

O Sr. Arruda Camara propoe que a Sociedade in-

## Melhores Laranjas! Maiores Lucros!



Melhere a qualidade de suas laranjas, obtendo, assim, maiores lucros.

Cuide scientificamente do seu pomar pulverizando suas laranjeiras com CITROL, o insecticida moderno é base de oleo mineral refinado por processos especiais

**NÃO CORRÊ OS PULVERIZADORES**

Para aquilatar do valor do CITROL, mande-nos o seu nome e endereço, afim de receber gratis, nosso livro que descreve e illustra com photographias nitidas os insectos e doencas que atacam as laranjeiras.

CITROL—Registrado em 23 de Agosto de 1934 sob o N. 1 no Serviço de Defesa Sanitaria Vegetal do Ministerio da Agricultura.

**Anglo-Mexican Petroleum Co. Ltd.**

Rio de Janeiro

terceda em favor da execução da lei dos descontos, pleiteando a sua execução. Justificando a sua proposta, o Sr. Arruda Camara diz que não constitui segredo que se deve ás difficuldades de elementos por parte dos estabelecimentos bancarios o desinteressarem-se pelo credito agricola. Enquanto isto, com o commercio, ha numerosos meios de que dispõe para examinar a solvabilidade do commerciante ou industrial, seja em cadastros proprios, seja em cadastros particulares, constituindo empresas que fazem largos negocios com esse serviço de informações. Nada dispõe e nada ha organizado quando ao lavrador, e isto, tambem, é um pouco devido á sua propria culpa. De habito, sonega as respostas aos questionarios, a seu ver, são ameaça. Ja agora que o Ministerio da Agricultura tem a Directoria de Organização e Defesa da Produção, com as suas vistas voltadas para a instituição do credito agricola, e possivel que, com um cadastro bem organizado, possam, os bancos interessar-se incluindo, á suas operações, uma carteira de credito agricola. Todos sabem que a instituição e o desenvolvimento da cultura da herva matte nas Missões, Argentina, foram devidas á perfeita cadastragem e systema de colonização então organizada e que animou o Banco de La Nación a effectuar o financiamento. Propõe, por isso, que a Sociedade interceda para que, mesmo a titulo de ensaio, se puzesse em execução a lei que autorisa a Carteira de Descontos do Banco do Brasil a descontar letras de cambio ou notas promissórias, cujo acceptante ou emittente exerce actividade na agricultura.

O Sr. Sebastião de Mattos adduz, a essa proposta, a intercessão, junto á sociedades agricolas de todo o Brasil, afim de que, num movimento geral, se communicassem directamente com os Srs. Presidente da Republica, Ministros da Fazenda e da Agricultura, bem como ao Conselho Federal do Commercio Exterior, dando o seu apoio á iniciativa da Sociedade, no sentido de se tornar effectiva essa medida. Cita exemplos da Argentina, e dos auxilios concedidos á plantação de citrus, bem ainda das facilidades, que allí, as estradas de ferro offerecem aos productores, premiando a produção exportada.

Em votação a proposta do Sr. Arruda Camara, com o addendo do Sr. Sebastião de Mattos, é approvada por unanimidade.

O Cel. Manoel Rios, como representante autorizado da Cooperativa de Pomicultores do Districto Federal, apresenta os agradecimentos e o apoio completo ao delegado da Sociedade Nacional de Agricultura junto ao Conselho Federal de Commercio Exterior, pela proposta de auxilio directo ou de financiamento aos fructicultores brasileiros. É, textualmente, "que essa proposta, lançada em base geral, beneficiando a todos, tanto a embaladores como a agricultores, virá trazer, se realizada, consideravel melhoria nos processos da fructicultura, até o embarque da fructa para o estrangeiro, traduzindo-se em breve por um maior volume de exportação, melhor

preparo, maior escolha, factores esses que contribuirão para maiores preços da mercadoria no estrangeiro. É este o urgente interesse brasileiro: augmento de exportação, melhor preço e maior accellerção dos negocios, que em volume, quer em valor, pois a situação não permite um estacionamento. Pode-se tambem traduzir a proposta Torres Filho como um appello ao trabalho bem feito, bem organizado e bem dirigido aos agricultores e embaladores em beneficio do paiz e elle tem razão e direitos de assim o fazer, pois que se trata de uma nova fonte de renda para o Brasil, para a qual muito contribuiu, muito trabalhou, dando os maiores esforços de sua mocidade e fortemente amparado pelas altas autoridades administrativas do paiz".

O Sr. Torres Filho agradece, muito penhorado, essa prova confortadora, que parte dos Srs. Sebastião de Mattos e Cel. Rios, personalidades de grande envergadura moral e de grande autoridade como interprete dos maiores interesses da lavoura citricola do Districto Federal e Estado do Rio. A iniciativa, que tomou, no Conselho, nada mais é que um desejo de, embora pallidamente, prestar o concurso de um brasileiro objectivando o amparo aos que trabalham a terra, que sempre lhe merecem e lhe merecerão o maior carinho e respeito. A repercussão dessa providencia demonstra que o nosso meio rural já vibra e sente de perto o alcance de taes providencias, visando a nosas situação economica. O Brasil atravessa, certamente, um momento de grandes difficuldades. Mas estas não são tão serias como as de outros povos, porque, antes de tudo, ainda temos um grande mercado interno que absorverá uma produção infinitamente maior. Poderemos ainda aproveitá-lo muito. É o Brasil um agregado de nações, com uma capacidade de resistencia que poucos povos tem. Toda vez que, como agora, vê reconhecidos os seus esforços, adquire mais um estímulo para trabalhar pela lavoura.

O Sr. Virgínio Campello, que tem tratado, em varias occasões, na Sociedade, de assumptos relativos ao fabrico de cellulose no paiz, seja aproveitado as numerosas materias primas de que dispomos, seja reflorescindo scientificamente para a constituição de reservas homogeneas que nos livrem da importação estrangeira, refere algumas descobertas recentissimas, no terreno da fecundação artificial das plantas, dando um crescimento oito vezes maior á planta ao mesmo submettida, em relação á de plantação e crescimento normaes.

Extende-se em varias considerações de ordem tecnica, que o Sr. Torres Filho agradece e faz registrar para oportuna publicação pela revista da Sociedade.

O Sr. Ronaldo Gonçalves volta a falar ainda sobre assumpto de fructicultura, appellando para o Conselho Federal de Commercio Exterior, por intermedio da Sociedade, no que se refere á exportação de bananas pelo porto do Rio de Janeiro. É a sa exportação entravada pelo serviço de estiva, pelo qual tem de passar obrigatoriamente, annullando, pelas difficuldades o onus que causa ao exportador, uma iniciativa que se mostrava

promissora. Quasi morta essa exportação, tendo por causa exclusivamente o phantasma da estiva, os exportadores de bananas vêm, num ultimo esforço, ver se evitam a destruição completa de uma riqueza para o paiz e a perda do grande capital particular que foi investido na exploração.

Por varias vezes já foram, pelos interessados, directamente mostrada aos poderes publicos a situação em que se debate a exportação de bananas, sem que nada, até agora, fosse conseguido. Mostraram os interessados que a cultura da banana na Baixada Fluminense resolvida, naturalmente e rapidamente, sem o gasto de um centil pelo governo, o problema do saneamento. A extensa região, melhorando, consideravelmente a situação social da população do Estado, pois que, antes de se estabelecer alli essa cultura, as diarias então vigentes eram de 1\$500 e 2\$000 e, depois, passaram a 8\$, 10\$000 e mais. A cultura chegou a ser intensa na região, mas tiveram os productores de abandonar o seu intento, pois que sendo a banana um artigo barato, não podia resistir a um pagamento, só a estiva, por cacho, de \$600 a \$700. No porto de Santos, bem proximo de nós, essa taxa é bem mais modica, \$120. Pleiteam os productores, já agora muito resumidos, pois existem em exploração apenas duas ou tres fazendas, pagar o dobro do que paga o productor santista, o que, acham, é uma aspiração mais que justa.

O Sr. Torres Filho diz que o Sr. Romulo Gasmão traduziu uma situação de facto quanto á banana, que era uma cultura auspiciosa na Baixada Fluminense. Pessoalmente, aconselhou a intensificação desas cultura, porque conhecia o exemplo da America Central que, pode-se dizer, construiu a sua civilização com a cultura intensa da banana em que firmas americanas invertiram enormes capitais, e de que hoje é riqueza principal. A laranja em Nova Iguassú e Campo Grande, a canna em Campos, foram outros tantos elementos de elevação social e de saneamento. E' uma cultura, diz, que até justificaria empréstimos externos, pela sua grande expressão economica e social. Esse caso da Sociedade merece, portanto, mais uma vez, o amparo da Sociedade, que delle já tratou em outras occasiões. Redobrá esforços, agora, junto aos poderes publicos, certa de que, comprehendendo a administração que não se pôde sacrificar o interesse economico do paiz, e a situação de uma grande região, adoptará providencias capazes de evitar o estiolamento de uma actividade promissora.

Após varias considerações de ordem geral sobre os assumptos da reunião, o Sr. Torres Filho agradece o comparecimento de todos, principalmente dos representantes das associações fructícolas e encerrar os trabalhos.

#### SESSÃO DE 11 — 4 — 1935

Com avultada concurrencia realizou-se a sessão semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho.

O Sr. Arruda Camara, Secretario, lê o expediente, em que se destacam: officio do Chefe da Missão de Recepção á Misão Commercial Japoneza, convidando a Sociedade a participar dos trabalhos, na parte agricola — O Sr. Torres diz que a Sociedade terá o maior interesse em colaborar para o exito dos estudos que vão ser feitos pelos enviados japonezes em conjuncto com os interessados brasileiros: carta dos syndicatos dos fructicultores de Campo Grande, hypothecando o seu apoio á campanha da Sociedade em favor da effectivação do decreto que mandou aceitar, pelo Banco do Brasil, em redesconto, titulos aceitos, emitidos ou endossados pelos profissionais da agricultura; telegramma da Sociedade ás instituições congeneres sobre esse assumpto, assim concebido "Attendendo situação economica financeira paiz necessidade impulsionar exportação, Sociedade Nacional Agricultura tem promovido reuniões productores ficando assentado appellar demais sociedades congeneres junto presidente Republica Ministros Fazenda Agricultura Banco Brasil sentido redescantar letras cambio notas promissorias emitidas endossadas agricultores. Na ausencia credito agricola medida viria facilitar financiamento agricultura intermedio estabelecimentos bancarios paiz. Já vão chegando as demonstrações de apoio a essa iniciativa, como o do Syndicato dos Fructicultores de Iguassu e de Campo Grande.

E' aceita a proposta da socia Sra. Maria Graça Machado.

O Syndicato dos Fructicultores e Exportadores de Fructas do Brasil offerece algumas suggestões no sentido de tornar mais util, dilatando o respectivo prazo, o decreto dos redescontos.

O Sr. Torres Filho diz que, realmente, esse medida seria aconselhavel, mas o que interessa, precisamente, e conseguir do Governo a execução do decreto. Entretanto, é tomada em consideração a suggestão do Syndicato, para opportuno estudo e providencia.

Em seguida, o Sr. Torres Filho passa a ler o teor dos officios encaminhados aos Srs. Presidente da Republica e Ministros da Agricultura e do Trabalho, a respeito da decadente situação da cultura da banana na Baixada Fluminense. Nesse documento, faz sentir a Sociedade a necessidade urgente de serem tomadas providencias, sobretudo quanto ao serviço da estiva, que é um estorvo serio não só á exportação de bananas, para á de todas as fructas.

O officio é minucioso e focaliza, com cores muito expressivas, a situação da cultura ha pouco tempo floresente e que certamente se extinguirá se o governo não vier em seu socorro, encontrando uma fórmula menos onerosa para os exportadores. Foi, tambem, referido o facto de pagar um cacho de banana, á estiva, cerca de 600 a \$700, enquanto que um sacco de café, valendo 120\$000, paga apenas \$320, e uma caixa de laranjas valendo 23\$000, paga \$120, em evidente desproporção de peso e de valor com o cacho de banana, cujo valor medio annual é de 1\$500!

O Sr. George Wilhelm Muis, representante de uma

firma allemã no Brasil, offerece à Sociedade, para experiencias, producto destinado à conservação de fructas, juntando o resultado de experiencias já realizadas com fructas exportadas.

O Sr. Torres Filho agradece e declara que, com os resultados conseguidos pela Comissão, em identico trabalho, no exame do processo Ortizm, não pôde deixar de incumbil-a de mais esse serviço. O Sr. Virgílio Campello, que teve actuação destacada nas experiencias do processo Ortiz, aceita, da sua parte, a incumbencia declara que os demais membros da commissão, está certo, não regatearão o seu concurso em favor de tão alto objectivo.

E, em seguida, apresentado o Dr. Julio Gonçalves, que realiza a sua annunciada palestra sobre a pre-refrigeração e transporte frigorifico das laranjas. Notas sobre outras fructas brasileiras. O Sr. Torres Filho declara que a Sociedade recebeu essa collaboração com o maior interesse, porque se trata de assumpto muito debatido como o do transporte frigorifico e o da pre-refrigeração. Ainda ha pouco, a Sociedade ouviu, de um tecnico especializado nesses assumptos — O Dr. Altino Sodré — as melhores e mais preciosas informações, obtidas em experiencias praticas, pois que acompanhou, por parte do Ministerio da Agricultura, uma remessa de laranjas até a Inglaterra, de 40.000 caixas. E' interessante notar que, essa partida, ao contrario do que acontecia em regra, não apresentou o alto coefficiente de fructas deterioradas, de que tanto se queixavam os importadores. Isso demonstra que, apesar dos cuidados durante a viagem, é muito importante o facto da fiscalização exercida por pessoa idonea sobre as partidas destinadas ao estrangeiro.

O Sr. Julio Gonçalves congratula-se com a Sociedade pela exposição dirigida ao Governo sobre a bananocultura na Baixada Fluminense, em que a Sociedade, a seu ver, collocou sob as vistas dos poderes publicos a verdadeira situação dos plantadores e exportadores, e certo de que obterá exito na sua iniciativa.

Dentro do assumpto da sua palestra, o Sr. Julio Gonçalves detem-se em considerações geraes de ordem tecnica a respeito da refrigeração, apresentando dados colhidos pessoalmente sobre o periodo de conservação das das principaes fructas nacionaes. Illusera as suas informações com interessantes dados photographicos e estatisticos, e adianta que as suas observações, com a continuidade dos estudos, poderão soffrer ainda modificações.

No que se refere às condições geraes basicas a serem observadas nos ambientes, para a conservação das fructas, é indispensavel sejam observadas: a) a circulação do ar; b) a humidade relativa e c) a temperatura.

Quanto à frigorificação, entende que a exportação pelo porto do Rio de Janeiro já está quasi no seu limite, em virtude da falta de frigorificos nos prtos, devidamente aparelhados com capacidade e equipamento,

mecanico e demais requisitos para conservação e armazenamento das fructas a serem embarcadas.

Esse equipamento, diz não se limita às installações para a produção do frio, mas, tambem, aos methodos de descarga das fructas dos vagões e dos embarques para as c amadasde bordo. Tudo é feito rudimentarmente. Acha que applicação efficiente da frigorificação concorrerá para controlar a exportação, prolongar o periodo do consumo, aproveitar o maximo da produção e manter a boa cotação e estabilidade dos preços.

Os transportes lhe merecem especial atenção e declara que, a não ser a Companhia Paulista, nenhuma outra estrada de ferro, principalmente a Central, está convenientemente aparelhada para o transforte de fructas. Refere, quanto a esta estrada, que as fructas são transportadas até em vagões, destinados à condução de combustivel, inteiramente metallicos, e, por isso, com uma temperatura elevadissima.

Quanto à pre-re-frigeração, acha que poucos são os exportadores que já consideraram a sua grande importancia, a qual, além de evitar a deterioração, conservando o bom aspecto da fructa, compensa as despesas feitas com elle, favorecendo o aproveitamento maximo das fructas não sendo dispendioso como pôde parecer.

Segundo os dados obtidos em Southampton, a fructa que daqui é exportada apresenta allí uma perda raramente inferior a 5% em media. Calculando que cada milhão de caixas corresponde a 50.000 caixas de laranjas estragadas os tres milhões que se esperam, como muita razão, exportar este anno, dariam ada menos de 150.000 caixas perdidas. Ora, a pre-re-frigeração reduziria esses coefficientes a 50% e até), %, o que seria um prejuizo evitado, a applicar na mais moderna installação frigorifica, que em pequeno espaço de tempo estaria paga.

O Sr. Torres Filho se felicita pela boa iniciativa da Sociedade, ouvindo o Dr. Julio Gonçalves. Elle veio focalizar assumptos da maior transcendencia, já varias vezes aventado na Sociedade, e, ainda, infelizmente, não realizado, como esse dos frigorificos, por motivos imperiosos. Cita o facto de um dos ultimos ministros da Agricultura ter tentado, com capitaes inglezes, a installação de um grande frigorifico no porto do Rio de Janeiro, o que ficou muito bem encaminhado, mas prejudicou-se com a sahida desse ministro da pasta da Agricultura.

Entende que o Governo de São Paulo tem cuidado com desvelo do assumpto.

Pensa que o debate e o esclarecimento da questão forçará a uma providencia que afinal consiga collocar o mecanismo da exportação fructicola no de igualdade com o desenvolvimento que ella vae tendo e como expressão economica que já é. Acha que os dados obtidos e focalizados pelo Sr. Julio Gonçalves vai impressionar fortemente os meios interessados, aguardando, entretanto, os dados complementares promettidos por S. S.

O Sr. Arruda Camara diz que os esforços da Sociedade Nacional de Agricultura, desenvolvidos, por iniciativa do Dr. Arsene Puttemans, em propaganda oportuna, visando a instituição, no paiz, em caracter regular, do ensino da architectura paisagista, vem de ser considerados: verificou, com a maior satisfação que, na organização dos cursos da recente Universidade do Districto Federal, foi incluído o ensino daquella especialidade.

Traz o facto ao conhecimento da Sociedade, que vê, assim, coroada de exito mais uma das suas benemeritas campanhas ao mesmo tempo que propõe seja manifestado pela Sociedade, ao Sr. Prefeito do Districto Federal, o seu applauso pela inclusão do referido curso na Universidade. Dispensa-se, justificar a medida, limitando-se tão somente a applaudil-a, confiante nos seus magnificos e beneficos resultados.

O Sr. Torres Filho entende que é dispensavel submeter a voto essa proposta pois que está naturalmente approvada, e ajunta a do seu collega a de que seja inserido em acta dos trabalhos um voto de congratulações com o Sr. Arsene Puttemans.

O Sr. José Garcia faz algumas perguntas ao conferencista sobre as percentagens de fructas estragadas verificadas no mercado inglezes de procedencia estrangeira. Satisfeito, SS. diz que, como amator, na sua estada em Southampton em Londres, fez um inquerito a respeito no seio do commercio exportador, e o que mais lhe impressionou foi o facto de referirem os compradores que a laranja brasileira alli chegavam sem a assistencia de um tecnico, que acompanhasse o desembarque e controlasse, orientando os productores brasileiros, as exigencias do mercado. Trazia essa observação ao seio da Sociedade convencido de que prestava um serviço ao esclarecimento da questão.

O Sr. Torres Filho agradece e informa que a Sociedade já chegou até a propor ao Governo a installação de um escriptorio tecnico em Londres com esses mesmos objectivos.

O Sr. Julio Gonçalves considera muito util a iniciativa lembrada pelo Sr. Garcia mas entende que nada se poderá conseguir de proveito antes que uma perfeita, ou melhor que a actual, organização seja feita dentro do proprio Brasil, no sentido de aplinar difficuldades serias, como essa dos transportes, da pre-refrigeração. Isto depende em grande parte da união de vistas dos productores e exportadores, e, portanto, de um espirito associativo que só agora começa a desabrochar.

O Sr. Torres Filho agradece a presençada todos, e especialmente do Reverendo Francisco Frederico Masson e do Barão Sr. William Garthwarte, encerrando em seguida a sessão.

SESSÃO DE 7 — 5 1935

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, realizou-se a semanal da Sociedade Nacional de Agri-

cultura. Abertos os trabalhos, e dispensada a leitura do expediente, o Sr. Presidente declara que ap resente sessão é consagrada á viticultura nacional. E explica que o Dr. Manoel Mendes da Fonseca, especialista em viticultura e enologia, havia prometido honrar a Sociedade com uma palestra sobre a situação actual da titivicultura no Brasil e seus planos relativamente ao desenvolvimento e amparo da futura industria. Essa palestra devia ter sido realizada duas sessões atraz, mas motivo de molestia a impediu. Como, naquella occasião, salientou a viticultura está muito ligada á Sociedade Nacional de Agricultura, pois foi ella quem realizou, no Brasil, em 1898, a Primeira Exposição de Uvas Nacionaes, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal, como um dos aspectos da campanha a que lançou, animada por Campos da Paz, Moura Brasil. A esse tempo é de justiça assignalar, desenvolvia em São Paulo intensa campanha pela titivicultura o sabio Luiz Pereira Barreto, que via na "vinificação do Brasil" um atractivo para a vinda de imigrantes. São conhecidos esses seuses esforços, coadjuvado por D. Veridiana Prado. E os frutos dessa campanha já podem ser hoje colhidos, pois no Rio Grande do Sul, onde mais se desenvolveu a cultura da vinha, é a vitivicultura um poderoso elemento economico do Estado, ainda susceptivel de grande mercado interno e de terras privilegiadas para essa planta.

Antes de dar a palavra ao conferencista, o Sr. Torres Filho allude á realizção, em São Paulo, da Conferencia Nacional Algodoeira — a mais recente iniciativa em prol do nosso ouro branco. E declara, então, que, intimamente ligada á questão algodoeira no paiz, á Sociedade se devem a Primeira Conferencia Nacional Algodoeira, realizada em 1916, nesta Capital, com uma grande exposição annexa, e a Conferencia Internacional Algoeira, em 1922. A primeira teve logar de 1 a 10 de Junho, sob a presidencia do Dr. Miguel Calmon, então 1.º Vice-Pöresidente da Sociedade. Dos resultados dessa conferencia dizem muito bem os "Annaes", publicados então aventadas foram praticadas pelos governos e pelos agricultores, tendo ahi, a bem dizer, início o actual surto algodoeiro do paiz. A segunda, reunindo vinte nações estrangeiras, afóra a grandiosa representação do Brasil, tambem se realizou sob a presidencia daquelle grande brasileiro, de 15 a 20 de Outubro, quando ainda se commemorava no Brasil a nossa emancipação politica. Estiveram especialmente reñresentados por delegações a Inglaterra, os Estados Unidos, a Suissa, a Hespanha, a França, o Japão, a allemanha, a China, o Uruguay, o Chile, a Venezuela, a Guatemala, o Peru, o Paraguay, a Belgica, Portugal, a Italia, a India e a succia. O "Annaes", contidos em dois grossos volumes, com 1.015 paginas foram logo depois dados á publicidade e impressos em portuguez e inglez. Coincidindo a ida do Dr. Miguel Calmon para a Pasta da Produção, grande numero de suggestões foram então postas em execução, tendo augmentado,



uma serie de transformações successivas, sem contudo alterar-se em seus constitutivos mais intimos, quando bem equilibrado, a não ser em pequenissimas differenças biochimicas".

Termina lembrando a creação de cursos especializados de enologia e viticultura nas nossas escolas agronomicas, "porque só assim teriamos coroada de exito a obra que tão modestamente iniciamos".

Prolongada salva de palmas cobrem as ultimas palavras do orador e o Sr. Torres Filho, agradecendo, diz que a conferencia que acabava de ser pronunciada focalizava um dos mais importantes aspectos da nossa economia rural. A questão da viticultura — diz — ainda não havia penetrado sufficientemente os nossos homens publicos, como fonte de riqueza. Pelos elementos que o conferencista apresentou ao auditorio, ella já assume indisfarçavel importancia para alguns Estados da Federação, sobretudo o Rio Grande do Sul. Importa corrigir muitos senões, a partir da propria cultura, pelo melhoramento das variedades ou castas, pelo combate systematico ás pragas, particularmente á phylloxera, que tanto mal causou, como muito bem referiu o Dr. Mendes, á cultura da vinha no Rio Grande, nos ultimos tempos, diminuindo a sua produção de vinho em cerca de 9.000 contos de reis. Além disso, teremos de cuidar, igualmente, da parte industrial, ou da vinificação.

E' de assignalar entretanto, e com grande satisfação o faz como agronomo, o apparecimento de mais um

especialista no scenario da agronomia brasileira. Porque ha, entre nós, o máo vesos den ão encaramos pelo seu lado real a ida de alumnos das nossas escolas aos cursos de especialização nos paizes mais adeantados. O Dr. Mendes volta da sua longa viagem de aprendizagem, e de aclimatação e applicação dos seus conhecimentos no nosso meio viticola, completamente integrado na sua especialidade. Vimos com o algodão o que succedeu. Ainda hoje teve occasião de referir, no Conselho Federal do Commercio Exterior, em resposta a um conselheiro que declarou que perderiamos a nossa situação no mercado mundial tanto que os Estados Unidos abandonassem a sua politica de valorização artificial, que a nossa situação não está não periclitante assim, pois já possuímos os nossos technicos, e a cultura já está orientada scientificamente. Cita, tambem, o caso da laranja, em que illustres agronomos se tem especializado, com tantas vantagens para a produção e exportação.

Assignala a contribuição prestada pelo Dr. Ildefonso Simões Lopes, quando Ministro da Agricultura, á industria vinicola no paiz, com a criação da Estação Experimental de Caxias, que muito bem pôde ser encorada como o "pivot" em torno do qual tem-se desenvolvido a prospera industria vinhateira do sul do paiz.

Reitera os seus agradecimentos ao Dr. Mendes da Fonseca, cuja conferencia será publicada na integra pela revista da Sociedade, e encerra os trabalhos, por nada mais haver a tratar.

## SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Fundado em 16 de Janeiro de 1897

( Reconhecida de Utilidade Publica pela Lei n. 3.549, de 16 de Outubro de 1918 )

### DENTRE OUTROS SERVIÇOS A' ECONOMIA NACIONAL.

**CONTRIBUIU** para o fortalecimento do espirito associativo da classe rural do paiz, promovendo e encetivando a fundação de associações agricolas;

**DISTRIBUIU** mais de um MILHÃO E QUINHENTOS MIL mudas de arvores fructíferas, sobretudo citricas;

**PUBLICOU** e distribuiu, gratuitamente, mais de CENTO E CINCOENTA MIL exemplares de trabalhos sobre assumptos agricolas;

**INSTITUIU**, no Horto da Penha, onde estabeleceu uma estação de pomicultura, um Aprendizado Agrícola para a formação de capatazes de fazenda com ensino gratuito;

**FUNDOU** a Confederação Rural Brasileira;

**SUGGERIU** á Prefeitura do Districto Federal, em 1904, a criação das feiras livres — o que se substancia em lei em 1916;

**TRATOU**, em primeira mão, das questões de alcool-motor e do pão misto, com estudos theoreticos e praticos completos a partir de 1916;

**EDITOU**, dentre outros numerosos trabalhos:

**Geographia Agricola do Brasil**, 1908, 1 vol.

**Legislação Agricola de Brasil**, comprehendendo todo o periodo colonial e o independente, até a Republica — 1910, 3 vols.  
**Inquerito Nacional de Immigração**— 1928, 1 vol.

**Annaes da 1.<sup>a</sup> Conferencia Nacional Algodoeira**, 3 vols.

**Annaes da Conferencia Internacional Algodoeira**, 2 vols.

**Annaes da 1.<sup>a</sup> Conferencia Nacional de Lacticinos**, 1 vol.

**BATEU-SE** pela criação do Ministerio da Agricultura (Conclusões do Primeiro Congresso Nacional de Agricultura, 1901);

**PUBLICA**, desde 1897, a revista "A Lavoura";

**MANTÉM** uma Bibliotheca especializada, com 20.000 volumes, e um Museu Agricola, franqueados ao publico;

**ATTENDE**, gratuitamente e com presteza, a qualquer consulta sobre assumpto tecnico de agricultura, commercio e industria.

# MOVIMENTO DA SECRETARIA DURANTE O PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1935

## CORRESPONDENCIA RECEBIDA :

Cartas . . . . .	125
Officios . . . . .	89
Telegrammas . . . . .	53
Diversos . . . . .	64
<b>Total . . . . .</b>	<b>321</b>

## CORRESPONDENCIA EXPEDIDA :

Cartas . . . . .	98
Officios . . . . .	170
Telegrammas . . . . .	96
Circulares . . . . .	364
<b>Total . . . . .</b>	<b>728</b>

## SECÇÃO DE FORNECIMENTOS :

Plantas frutíferas . . . . .	410
Vaccinas contra a peste da manqueira . . . . .	1.200 doses
" " o carbunculo . . . . .	700 "
Sementes de capim gordura roxo . . . . .	100 kilos
idem de mamona meuda . . . . .	1.000 "
Formicida liquido . . . . .	12 litros
Sulfato de cobre . . . . .	3 "

SOCIOS NOVOS, foram propostos e aceitos os seguintes :

José Maria Rollas, Dr. Amaro Moraes Silva, Dr. Carlos Pontes Nepomuceno, Domingos de Faria, José Joaquim Pereira, Dr. José Alves Massa, Francisco Vasconcellos, Carlos Augusto Hassis, Jorge Wagner, Alfredo Ceilão, Alvaro Valente, José Jacintho Cordeiro, Jorge Correa, Maximiliano Gomes, Antonio Lacerda Velho, Domingos Mandaro, Avelino da Silveira, Prefeitura Municipal de S. José da Lage, Dr. Alberto Brantura Segadas Vianna, Prefeitura Municipal Salto Grande, Prefeitura Municipal Mirasol, Carlos de Souza Lido, Prefeitura Municipal de Itahandú.

J. Mendes de Britto

## FORNECIMENTO DE PLANTAS :

Araticum . . . . .	2\$000
Abieiros . . . . .	2\$000
Abriçoteiros . . . . .	4\$000
Ameixeira do Japão . . . . .	3\$000

Ameixeira de Madagascar . . . . .	5\$000
Anonas, desde . . . . .	2\$000
Araçaceiro corôa . . . . .	2\$000
Amendoeiras . . . . .	2\$000
Bananeiras, desde . . . . .	1\$000
Butiaseiros . . . . .	10\$000
Cabelludeiras . . . . .	2\$000
Cajaseiros manga . . . . .	2\$000
Caimitos . . . . .	2\$000
Crotons . . . . .	1\$000
Cidreiras, desde . . . . .	4\$500
Ficus Benjamin . . . . .	2\$000
Fruta de Conde, desde . . . . .	2\$000
Graip Fruit, desde . . . . .	1\$500
Genipapeiros . . . . .	1\$500
Grumixameiras . . . . .	1\$500
Goiabeiras . . . . .	1\$500
Jaboticabeiras, desde . . . . .	4\$000
Kakiseiros . . . . .	3\$000

## LARANJEIRAS :

Pera, Bahia, Selecta, Saúde, Abacaxi Sanguença, Macahé, Selecta Branca, Campista, Monjlo, Rosa, Cacau, Melancia, Independencia Japoneza, Bahia-Lima, Santa Catharina, Pera Cravo, desde . . . . . 1\$500

LIMEIRAS : desde . . . . . 1\$500

## LIMOEIROS :

Azedo, doce, meúdo, caiano, ve-neza, desde . . . . .	1\$500
Magnolias . . . . .	3\$000
Mangueiras, pé franco . . . . .	2\$000
Oitiseiros, pé franco . . . . .	2\$000
Roseiras, pé franco . . . . .	1\$500
Sapotiseiros, pé franco . . . . .	3\$000
Tamarindeiros . . . . .	3\$000

O preço das plantas acima são no Horto da Penha. Os tamanhos das mesmas variam, de 60 centímetros a 1 metro.

O frete na E. Ferro Leopoldina e nas companhias de navegações é gratuito. Nas demais estradas é reduzido.

As laranjeiras são enxertadas, as demais plantas são de pé franco.

Cada engradado pôde acondicionar 12 plantas e custa, cada um, 5\$000.

# Sociedade Nacional de Agricultura

desejando que todos os lavradores, criadores e industriaes façam parte do seu quadro social e possam gozar das vantagens que offerece aos seus associados, resolveu, como concessão especial, manter a isenção de pagamento de joia aos novos socios.

Por deliberação da mesma Assembléa, serão considerados SOCIOS REMIDOS, aquelles que, sendo socios quites, propuzerem 10 outros, e que estes tenham pago, pelo menos, a primeira annuidade.

Inscreevei o vosso nome e o de vossos amigos entre os numerosos associados da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA — Fundada em 16 de Janeiro de 1897.

E vos serão concedidas, dentre outras, as seguintes:

## VANTAGENS

**Recebimento** de A LAVOURA, seu organ official, gratuitamente, bem bem como todas as demais publicações editadas ou distribuidas pela Sociedade.

**Fornecimento**, de plantas e sementes, vaccinas contra as molestias que atacam o gado, productos de veterinaria, material agrario, adubos, insecticidas, etc., pelo preço do custo.

Além disso,

como procuradora dos seus associados, **encarrega-se, gratuitamente, do Registro das Propriedades Agricolas** no Ministerio da Agricultura, acompanhando, ahi, como nas outras repartições federaes e municipaes todos os processos que lhes interessem.

**Promove a analyse de terras, plantas, etc., sem onus algum** para os seus socios.

Trata da obtenção de **transporte gratuito** para plantas, sementes, machinas agricolas, animaes de raça, etc., quando destinados a socios, cujas propriedades se encontrem registadas no Ministerios da Agricultura.

**Responde ás consultas** sobre assumptos agricolas, industriaes ou commerciaes.

**Elabora projectos e orçamentos** para construcções ruraes e de força hydraulica.

**Incumbe-se da venda** de cereaes e outros productos agricolas enviados pelos seus associados, **sem cobrar commissão**, aceitando-os, outrosim, em pagamento das contribuições sociaes.

**Encarrega-se, ainda, tambem gratuitamente, do pagamento** de impostos nas repartições federaes ou municipaes, do **recebimento** de juros de apolices, alugueis de casas, etc., nesta Capital.

**Fornece cotações e informes** sobre mercados.

**Serve de intermediaria**, no tocante á compra e venda de propriedades ruraes.



# HORTO FRUTICOLA DA PENHA

OLARIA — RIO — E. F. L.

Mudas e Enxertos de todas as frutas brasileiras

Optimos Exemplos de plantas ornamentaes

Laranjeiras — Typo exportação

Mangueiras das melhores variedades

Remessas a domicilio — Frete Gratuito

Abatimento aos socios da S. N. de Agricultura

Solicite informações á:

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 15 - Sobrado — Rio de Janeiro

